



A HORA DA WEIRD TALES E OUTROS CONTOS PULPS

A CASA DA BRUXA

Uma história intrigante sobre uma praga que recaiu sobre uma linda e adorável garota, onde Jules de Grandin, o detetive do sobrenatural irá desvendar.

Por SEABURY QUINN

com
**Seabury
Quinn**
em um
conto
inédito no
Brasil!



Seleção de
contos desta
edição
organizados por
**MARCELO
ALVES**

PARTICIPE DE NOSSO APOIA-SE:

[HTTPS://APOIA.SE/FORUM_CONAN](https://apoia.se/forum_conan)

PÁGINA NO FACE:

[HTTP://FACEBOOK.COM/FORUMCONAN/](http://facebook.com/forumconan/)

BLOG:

[HTTPS://WWW.CONANOBARBARO.COM/](https://www.conanobarbaro.com/)

CANAL DO YOUTUBE:

[HTTPS://BIT.LY/3EBMS9MYT](https://bit.ly/3EBMS9MYT)

INSTAGRAM:

[HTTPS://WWW.INSTAGRAM.COM/FORUMCONAN/](https://www.instagram.com/forumconan/)

Seabury Quinn

A HORA DA
WEIRD TALES
E OUTROS CONTOS PULP

2021

Seabury Quinn,

Organização e seleção dos contos: *Marcelo Alves*

Edição: *Marcelo Alves*

Título original do conto: *The Witch-House*

Tradução: *Leo MacDonovall*

Revisão: *Marcelo Alves*

Colaboradores nesta edição: *Helena Renato*

Design da capa baseado na capa de *Margaret Brundage* para a edição da *Weird Tales* de novembro de 1936.

Ilustrações interiores: *Autores desconhecidos.*

A HORA DA
WEIRD TALES
E OUTROS CONTOS PULP

outubro, 2021

Índice

EDITORIAL.....	07
A CASA DA BRUXA (conto).....	11
O INÍCIO DEPOIS DO FIM (conto).....	84
APOIADORES.....	104

A HORA DA WEIRD TALES é uma publicação digital sem periodicidade definida vinculada ao FORUM CONAN O BÁRBARO, 2021.



Por Marcelo Alves

Falar da WEIRD TALES é falar da própria efervescência dos pulp magazines americanos dos anos de 1930. Comumente retratados como literatura de entretenimento de pouca importância literária pelos críticos, a verdade é que os pulp magazines foram muito mais além dessas críticas, tornando-se imensamente populares e um fenômeno de vendas durante várias décadas, inclusive durante o período da Grande Depressão Econômica iniciada no ano de 1929, nos Estados Unidos. E, após o período da Crise Econômica mundial de 1929 (que foi estabilizada em 1939), o fenômeno das pulp magazines se alastrou por todo o mundo, tendo até mesmo as suas versões traduzidas da língua inglesa para o português com as chamadas “Revistas de Emoção” brasileiras (ex: Romance Mensal (1934); A Novela (1936); Contos, histórias e novelas (1936); Contos Magazine (1937); Mistérios, crimes,

histórias e aventuras fantásticas (1938); *Detective* (1936); *entre outros títulos brasileiros*)

Apesar da *Weird Tales* não ter sido a primeira revista pulp a se tornar imensamente famosa pelo seu conteúdo, ela encabeçava a imensa popularidade que tais publicações tiveram entre os anos de 1920-1930 no gosto popular dos leitores estadunidenses ao lado da *Adventure*, *Action Stories*, *All-Story*, *Black Mask*, *Detectives Tales*, *Amazing Stories*, *Dime Detective Magazine*, *Fight Stories*, etc.

Tendo a sua primeira edição publicada em março de 1923, a *Weird Tales* se consolidou em publicações de contos e novelas de terror, horror, mistério, sobrenatural, bizarro, fantasia e ficção weird. Muitos dos autores que escreveram para ela eram escritores desconhecidos, fazendo seus nomes ficarem populares a cada novo conto ou novela publicados. Nomes de autores que hoje são famosos, mas nos anos de 1920 eram apenas meros escritores desconhecidos (como exemplo podemos citar Robert E. Howard, HP Lovecraft, Robert Bloch, Clark Aston Smith, Albert Kline, e outros). E dentre eles, um escritor que se tornaria tão popular nas páginas da *Weird Tales* foi o autor Seabury Quinn com o seu detetive do sobrenatural, Jules de Grandin.

Seabury Grandin Quinn foi um dos grandes escritores norteamericanos que se destacaram na Era de Ouro dos Pulps

Americano. Autor de um grande número de contos em revistas como a mítica *Weird Tales*, ele é sobretudo conhecido pelo seu protagonista, Dr. Jules de Grandin, a quem dedicou grande parte da sua obra.

Seabury Quinn, dentre todos os autores que ficaram consagrados nas páginas da “Revista Única”, foi o que mais teve seus contos publicados nela. Para ser mais exato, as histórias que Quinn teve publicadas nas páginas da *Weird Tales* contam com um número surpreendente de 146 contos impressos ao longo de 30 anos ininterruptos nesse pulp. Uma média de uma história publicada a cada duas edições que *Weird Tales* lançava.

Desses 146 contos que Seabury viu publicados na *Weird Tales*, 93 deles foram com o seu personagem mais famoso (Jules de Grandin) que apareceu pela primeira vez em uma edição de outubro de 1925 e teve a sua última aparição nas páginas deste pulp em setembro de 1951.

Pois bem! Eu já falei demais. Agora que tal conhecermos Jules de Grandin com a leitura desse conto aqui (*The Witch House*) publicado em novembro de 1936 na *Weird Tales*.

E, para complementar essa primeira edição da *Hora da Weird Tales e outros contos pulp*, trazemos um conto de uma autora nacional chamada Helena Renato. Para ser mais preciso nas informações sobre esta autora, vamos descrever um pouco sua

trajetória: Helena Renato nasceu em 2003 no Rio de Janeiro, mas com menos de um ano de idade foi morar em Belém do Pará. Muito cedo apaixonou-se por artes visuais e literatura, mas foi só em 2017 que decidiu começar a escrever para publicar, iniciando a escrita de seu primeiro livro “Histórias mais ou menos Fantásticas”. É fã de fantasia medieval, mitologia, drama e aventura - tudo isso reflete em sua produção, combinadas às suas experiências pessoais.

Marcelo Alves

Seabury Quinn
A CASA DA BRUXA

NOVEMBER

Weird Tales

25c

WITCH-HOUSE

*All
Stories
Complete*

an intriguing and thrilling
story about Jules de Grandin,
master of the supernatural
By SEABURY QUINN

Paul Ernst
Robert Bloch
Robert E. Howard
Thorp McClusky
Bassett Morgan

Seabury Quinn

A CASA DA BRUXA

Um conto vívido, fascinante e emocionante da praga que caiu sobre uma linda e adorável garota americana - um conto de Jules de Grandin, destruidor de fantasmas, ocultista e detetive do sobrenatural



As luzes da rua se acenderam e a última luz se apagou no oeste entre as primeiras estrelas, quando terminamos o jantar e nos dirigimos à varanda para tomar café e conhaque. Preguiçosamente afundado em uma cadeira de vime, Jules de Grandin esticou os pés minúsculos e olhou com satisfação para as pontas brilhantes de seus sapatos de couro envernizado.

"*Morbleu*", ele murmurou sonhadoramente, tomando seu último gole de café. Depois, largou o charuto aceso e levantou a dose de *kaiserschmarrn*: "Diga o que quiser, Trowbridge, mas estou convencido de que não há processo mais agradável do que a digestão combinada com o envenenamento lento de álcool e nicotina. Não há nada mais digno do que querer desfrutar ... ah, *pour amour d'une souris verte*, cale-se!" ele fez uma pausa quando o toque irritante do telefone interrompeu seu filosofar abruptamente. "*Parbleu*, o patife que inventou você era um dos piores inimigos da humanidade!"

“Olá, Trowbridge”, disse uma voz do outro lado da linha, “eu sou Frieberg. Desculpe incomodá-lo, mas Greta está doente. Você pode vir imediatamente? ».

"Sim, claro", respondi, não muito feliz que a ligação atrapalhou meu descanso. "Qual é o problema?"

"Eu também gostaria de saber", respondeu ele. “Ela voltou de Wellesley na semana passada, e a nova casa perturbou seu sistema nervoso. Há pouco tempo sua mãe ouviu um barulho vindo de seu quarto e, ao entrar, encontrou Greta caída no chão, meio que desmaiada. Não podemos recuperá-la e ... ”

“Ok,” eu o interrompi, pensando com pesar no meu charuto que acabei de começar, “Eu vou já. Mantenha a cabeça baixa e os pés para cima e dispa-lhe as roupas . Se você conseguir fazer com que ela engula alguma coisa, dê a ela quinze gotas de amônia dissolvida em um copo cheio de água. Mas não a force a engolir, ela pode engasgar. ”

"E esse Monsieur Frieberg não consegue explicar as causas do desmaio de sua filha?" –perguntou de Grandin enquanto dirigíamos pela Albemarle Road até a casa de Frieberg em Scandia.

"Não", respondi. “Ela disse que acabou de voltar da faculdade e está nervosa desde que chegou. Uma esplêndida anamnesi, não é?"

"*Eh bien*, está longe de ser exaustivo, eu admito", respondeu ele, "mas se todo leigo conhecesse a arte de diagnosticar, nós, médicos, seríamos forçados a mudar de emprego, *n'est-ce-pas?*"

Embora Greta Frieberg tivesse recuperado a consciência quando chegamos, ela parecia um homem doente que acabara de sair de um longo acesso de febre. As tentativas de obter uma explicação

da garota tiveram pouco sucesso. Ela respondeu lentamente, quase incoerentemente, e parecia não ter ideia de qual era a causa da doença. De repente, ela murmurou: "Você encontrou o gato? Está bem?"

"O que?" Perguntei. "Um gato ..."

"Delira, pobre criança", sussurrou a Sra. Frieberg. "Desde que a encontrei, ela fala sobre um gato que viu no banheiro."

“Pensei ter ouvido Greta gritar”, acrescentou, “e subi para ver se ela estava bem. Não havia ninguém em seu quarto, mas a porta do banheiro estava aberta e eu podia ouvir o chuveiro ligado. Quando liguei para ela e não obtive resposta, entrei e a encontrei deitada no chão. Ela havia perdido a consciência e permaneceu nesse estado até alguns minutos atrás.”

"Hum?" murmurou Jules de Grandin enquanto observava rapidamente a paciente. Então ela se levantou e foi para o banheiro que ficava ao lado do quarto.

Diga-me, *madame*", disse ele, virando as costas, "tem o hábito de deixar a janela do banheiro sem mosquitoireiro?"

"Não, claro que não", respondeu a Sra. Frieberg. "Há um mosquito opaco ... meu Deus, ele caiu!"

O pequeno francês se virou para ela com as sobrancelhas levantadas. «Caiu, *Madame*? Não estava fixado na moldura? "

"Sim, foi consertado", respondeu ela. "Eu mesma cuidei disso. Os carpinteiros fixaram-no na moldura com dois ganchos para que pudéssemos retirá-lo para a limpeza, mas estava tão bem fixado que não podia cair. Eu não entendo..."

"Não se preocupe", ele a interrompeu. «Perdoe a minha curiosidade, por favor. Tenho certeza de que o Dr. Trowbridge concluiu sua visita agora, para que possamos conversar sobre a indisposição de sua filha. "

Quando a Sra. Frieberg saiu da sala, ele sussurrou para mim rapidamente: 'O que você deduziu dos sintomas, *mon ami*? O pulso é leve e frequente, ela tem palpitações, os olhos estão vermelhos, a pele está quente e seca, o rosto está brilhante e vermelho. Este não é um desmaio normal, é? Não é um acesso de febre? "

“Não, não”, respondi, balançando a cabeça, “ela não apresenta sintomas de um ataque de febre. Eu tenderia a acreditar que ela teve um sangramento arterial, mas não notei nenhuma perda de sangue, então... ”

"Vamos fazer um exame mais detalhado", ordenou, e inspecionou rapidamente o rosto, a cabeça, a garganta, os pulsos e as panturrilhas de Greta, mas sem encontrar o menor traço de ferimento suficiente para causar uma síncope.

“*Mon Dieu*, isso é realmente estranho. Isso é bizarro! Talvez ela tivesse hemorragia interna, mas ... *ah, regardez-vous mon vieux!* ”

Continuando a procurar alguns ferimentos, ele desabotoou a jaqueta do pijama dela, e o hematoma para o qual ele estava apontando parecia resolver o mistério. Na pele lisa e branca, abaixo da ligeira curva do seio esquerdo, havia uma mancha vermelha. Parecia que uma xícara havia sido pressionada contra a pele há algum tempo. No centro do hematoma, havia quatro pequenos furos, colocados de forma a formar um quadrado de cerca de dois centímetros de cada lado.

Aquela mancha desbotada com as quatro pequenas picadas parecia insignificante para mim, mas o pequeno francês olhou para ela como se tivesse descoberto um réptil venenoso enrolado na pele pálida da garota.

"Dieu de Dieu de Dieu de Dieu", murmurou para si mesmo. "Será que coisas assim podem acontecer aqui em Nova Jersey no século XX?"

"Sobre o que você está tagarelando?", Perguntei irritado. "Ela não pode ter perdido muito sangue por aquelas feridas. É verdade que parece quase sangrado, mas não há nem uma gota de sangue nessas picadas. Parecem-me picadas de algum inseto. Mesmo se estivessem completamente abertos, eles não são grandes o suficiente para causar a perda de um centímetro cúbico de sangue em meia hora. "

"O sangue não é totalmente coloidal", respondeu ele lentamente. "Ele vai penetrar nos tecidos a alguma profundidade se sucção suficiente tiver sido usada."

"Mas uma sucção poderosa teria sido necessária ..."

“Précisément, e não tenho dúvidas de que foi poderosa, meu amigo. Eu não gosto disso. Absolutamente não.” De repente, ele encolheu os ombros. *“Estamos aqui como médicos”,* observou. *“Eu acho que um quarto de grau de morfina é indicado. Além disso, repouso na cama e alimentos saudáveis. Esperamos que assim ela se recupere ”.*

"Como ela está, Trowbridge?" Olaf Frieberg me perguntou quando nos juntamos a ele na aconchegante sala de estar. Ele estava na casa dos cinquenta anos e tinha um físico firme e magro. Parecia muito mais jovem, a este ar juvenil contribuía o bigode ainda negro, o rosto compacto e bronzeado e os olhos castanhos que, por baixo das sobrancelhas bem desenhadas, mostravam aquela vivacidade que denota boa saúde e grande vitalidade.

"Bem, não há nada sério", respondi. "Mas Greta está muito fraca, e há algo um tanto estranho ..."

"Há algo estranho sobre essa coisa toda", ele me cortou abruptamente. "Greta está agitada desde que voltou. Ela está nervosa como um gato, excitada e irritada. Você acha que a histeria pode ter causado esse desmaio? "

De Grandin olhou para ele com uma expressão pensativa e disse:

«Quais são as peculiaridades do nervosismo de *Mademoiselle* Greta, *monsieur*? Sua teoria da histeria é plausível, mas uma descrição do caso poderia nos ajudar a fazer um diagnóstico preciso.

Friberg olhou pensativo para seu copo de *whisky*. Em seguida, perguntou, de forma bastante inadequada: "Você conhece a história desta casa?"

"Não, *Monsieur*, o que isso tem a ver com sua filha?"

"É exatamente isso que estou me perguntando", respondeu Friberg. "As mulheres são animais misteriosos, doutor, todas elas. Você nunca sabe que piadas eles podem pregar para os nervos. Esta casa pertenceu a um ancestral muito distante meu. Você provavelmente sabe que esta área foi originalmente colonizada pelos suecos, liderados por William Usselinx. E, embora os holandeses a tenham tomado em 1655, muitos colonos suecos permaneceram, independentemente de quem os governou, desde que tenham permissão para fazer seus negócios em paz. Oscar Friberg, meio-irmão do meu tataravô, construiu esta casa. Tinha seus próprios armazéns e docas na baía de Raritan. De lá ele

mandou seus navios para a Europa e até mesmo para o Oriente, e para esta casa ele trouxe a garota com quem se casou na velhice.

A história deles foi um romance. Depois de carregar o *Good Intent*, o navio mais rápido do meu tio, com seda e vinho, atracaram em Portugal para o último abastecimento de comida e água, antes de partirem para a América. Era o último domingo de junho de 1672. Os habitantes da cidade festejavam, pois uma congregação de bruxas e feiticeiros, devidamente condenados pelos tribunais eclesiásticos, tinha sido entregue ao Braço Secular para a execução da sentença, e uma grande fogueira foi acesa no Monte São Jorge. Meu tio e o capitão do navio, junto com muitos marinheiros, estavam curiosos para ver o que estava acontecendo, então subiram a montanha. Lá, cercado por um cordão de soldados, havia uma floresta de mastros para a estaca, e cada um deles estava amarrado a dois ou três pobres desgraçados que se contorciam e gritavam quando os feixes ao redor deles pegavam fogo. Os gritos de dor dos párias e o fedor de carne queimada provocaram náuseas nos marinheiros suecos.

Eles estavam se afastando daquele lugar amaldiçoado para encontrar o ar fresco do porto, quando a atenção de meu tio foi atraída para uma menina que estava lutando desesperadamente

com os soldados para correr através das piras em chamas. Ela era filha de uma bruxa e de um feiticeiro que estavam queimando na mesma fogueira, acorrentados costas com costas, assim como haviam dançado nos sábados das bruxas.

Os soldados a agarraram avidamente pelos ombros, mas um frade dominicano, que estava por perto, ordenou que a deixassem subir à fogueira, pois, por ser filha de uma bruxa, seu corpo cedo ou tarde queimaria, assim como sua alma estava condenada a queimar para sempre. Os marinheiros protestaram ao ouvir isso, e meu tio agarrou a garota pelos pulsos e a arrastou para um lugar seguro.

“Ele era magro, vestido com trapos imundos, faminto e incrivelmente sujo. Em seus braços ela segurava um gatinho branco e enlameado que arqueava as costas, abria o rabo e soprava nos soldados e no padre. Mas quando meu tio puxou a garota para si, ela e o gato pararam de brigar, como se soubessem que haviam encontrado um amigo”.

O padre espanhol ordenou que fossem embora com aquele espólio escasso. Ele disse que a criança era filha de uma bruxa, que ela certamente se tornaria uma também, e que faria mal a todos que a conhecessem. Ele acrescentou, no entanto, que era muito melhor

para a garota usar sua magia perversa contra os ingleses e os hereges do que contra os verdadeiros filhos da Igreja.

“Meu tio pegou a menina nos braços e carregou-a para o *Good Intent*. Quando ele a colocou no convés do navio, ela se ajoelhou, pegou suas mãos e as beijou. Ela agradeceu por seu ato de caridade em uma mistura de inglês e português.

"Por muitos dias ela ficou deitada como se estivesse morta, e de vez em quando ela pulava do beliche e gritava:" Pai! Mãe! El fuego! El fuego! ", A seguir caía para trás, escondendo o rosto nas mãos e ria horrivelmente . Meu tio a persuadia e consolava, alimentava-a com as mãos e cuidava dela como uma mãe. Assim, aos poucos, a garotinha se acalmou e, muito antes de avistarem as costas de Nova Jersey, já estava totalmente recuperada. Embora ela ainda estivesse triste e preocupada, seu temperamento era tão doce e seu desejo de agradar era tão evidente que todos os homens a bordo, do menino do navio ao capitão, estavam um pouco apaixonados por ela.

“Ninguém sabia quantos anos ela tinha. Ela era muito baixa e tão abatida que parecia mais uma criança do que uma jovem quando a trouxeram a bordo do *Good Intent*. Nenhum dos marinheiros

falava português, e seu inglês era tão ruim que não puderam perguntar sobre seus pais e local de origem quando ela ainda estava doente. E quando se recuperou, parecia ter perdido a memória. Na verdade, embora aprendesse inglês com surpreendente rapidez, parecia incapaz de se lembrar de sua vida passada e, por pena, ninguém se referia ao carro de fé em que seus pais morreram.

Ela nem sabia o próprio nome, então meu tio a batizou de Kristina, segundo o rito luterano. Ele escolheu o sobrenome *Beacon* para ela como uma espécie de comemoração poética do incêndio do qual ele a salvou, quando seus pais foram queimados. Parece que ela ... "

“Meu caro”, interrompi-o, “é uma história interessante, devo admitir, mas que ligação pode ter com...”

“Cale-se, por favor”, de Grandin ordenou-me asperamente. “A relação que você está tentando discernir está vindo à tona, como a figura que o escultor vai criando aos poucos no mármore, ou eu sou muito mais estúpido do que penso. Continue, *Monsieur*”, ordenou a Frieberg, “esta história é de maior importância do que você pensa. Você estava falando conosco sobre as garras dos cães

de caça de Deus”.

Frieberg sorriu, satisfeito com o interesse do pequeno francês.

“O ar do mar, a comida nutritiva e o afeto que a rodeava a bordo fizeram uma grande mudança naquela enjeitada selvagem e faminta quando o *Good Intent* voltou para Nova Jersey”, disse Frieberg. “De uma vadia magrinha, ela se transformou em uma garota bonita e próspera. Não há dúvida de que os habitantes da cidade começaram a tagarelar quando o *Good Intent* descarregou aquela linda moça no cais, junto com o carregamento de vinhos espanhóis e sedas francesas.

“Metade dos jovens da cidade começou a cortejá-la. Na verdade, além de bonita, ela também era pupila de Oscar Frieberg, e Oscar Frieberg era o homem mais rico da região, era solteiro e tinha mais de cinquenta anos. Quem quer que tomasse Kristina por esposa certamente faria um bom negócio”.

“A menina também era cheia de virtudes. Ela era boa, modesta e adorável, e sua devoção religiosa era tão grande que o pastor a encheu de elogios. Sua habilidade como dona de casa logo foi revelada, e a casa de meu tio, que havia sido abandonada aos

cuidados de uma cozinheira e alguns escravos negros, logo se tornou uma das casas mais bem cuidadas e arrumadas de Nova Jersey. Ninguém se dava bem com Kristina nos negócios. Quando um comerciante trapaceiro tentou tirar vantagem de sua juventude e inexperiência, ela o encarou com seus olhos grandes e impenetráveis, e ele corou e gaguejou como um colegial pego em flagrante, e imediatamente confessou sua culpa”.

Fora de seus deveres domésticos e religiosos, ela parecia não se importar senão com meu tio. Os jovens que a cortejaram foram tratados com frieza. Menos de um ano depois de sua chegada ao porto, os proclamas de casamento de Kristina e meu tio foram afixados nas portas da igreja. E, antes que a tagarelice causada por sua chegada tivesse tempo de se dissipar, ela se tornou a Sra. Frieberg e assumiu uma posição de destaque na vida da comunidade.

“Por dezenove anos eles viveram quietamente nesta casa. Conforme meu tio envelheceu e enfraqueceu, Kristina se tornou uma mulher madura e charmosa. Ela tratou o velho com uma mistura de devoção conjugal e filial. E quando sua visão e memória prejudicadas o tornaram incapaz, ela ativamente cuidou de seus negócios”.

Friberg parou e olhou pensativo para seu charuto.

“Suponho que você não saiba o que aconteceu em 1692 na Nova Inglaterra”, perguntou a De Grandin.

O francês acenou com a cabeça decididamente. “*Parbleu*, eu sei, *Monsieur*. Naquele ano, em Salem, Massachusetts, houve muitos julgamentos de bruxaria e...”

“Isso mesmo”, interrompeu nosso anfitrião. “Os fanáticos colocaram fogo em todas as colônias do norte com sua caça às bruxas. Felizmente, a infecção não se espalhou para fora da Nova Inglaterra, mas aconteceu:

“A saúde do velho Oscar Friberg vinha se deteriorando constantemente. Embora tirassem seu sangue com ventosas e sanguessugas e o alimentassem com misturas de sapos queimados, cravo e musgo retirados do crânio de um pirata enforcado, ele morreu após um longo coma. Mas, antes de entrar em coma, foi tomado por um delírio violento, durante o qual amaldiçoou o dia em que levou consigo a filha de uma bruxa.

“Oscar fez sua tripulação jurar manter o segredo das origens de Kristina, e parece que os homens respeitaram o juramento quando meu tio ainda era vivo”.

Mas algum marinheiro, velho e falador, refresca suas memórias com um copo de grogue, quando o coveiro havia coberto o caixão do velho Oscar com terra, e expressa o desejo de servir à fofoca e calúnia em vez da memória de um mestre que não poderia. Não o culpo por quebrar seu juramento.

Alguns se lembravam perfeitamente que Kristina havia passado ilesa pelas chamas para se despedir dos pais e que ela havia cruzado as chamas novamente para ordenar a Oscar Frieberg que a levasse para o exterior. Outros se lembraram de que ela acalmou uma tempestade recitando feitiços em linguagem não humana. E ainda outros disseram que a água batismal a escaldou como se estivesse fervendo, quando Oscar Frieberg a derramou em sua testa.

“A cidade inteira conhecia suas canções. Quando ela estava ocupada com as tarefas domésticas, ou costurando perto da janela, ou apenas descansando, Kristina cantava, não em voz alta, mas baixinho. Os transeuntes paravam em frente à casa para escutar e

até as crianças paravam com suas brincadeiras barulhentas para ouvi-la cantar aquelas canções fascinantes”.

Ela cantava em uma língua estranha que nenhum marinheiro jamais ouvira, e sua voz tinha tons desconhecidos da flauta, violino e espineta, mas sua harmonia parecia encher o ar de melodia, como os bosques se enchem de cantos de pássaros ao final de Abril. As pessoas balançaram a cabeça com a memória dessas canções, lembrando que as bruxas falam uma linguagem particular, conhecida apenas por elas e seu senhor, Satanás. Então, eles se lembraram que essa música, usada em louvor a Deus, era triste, como convém a pensamentos solenes de morte em agonias infernais.

“O gatinho dela também causou muita conversa. As pessoas lembravam que, quando ela saiu do navio, estava segurando um gatinho branco nos braços. E, embora vinte anos tivessem se passado, o gatinho não havia se tornado um gato, mas ainda era tão pequeno quanto no dia de sua chegada. Ele pulou e tropeçou na casa de Frieberg, tocou e ronronou, e continuou a viver em sua juventude eterna e sobrenatural.

“Entre os aldeões estava um jovem chamado Karl Pettersen, que cortejou Kristina desde o momento em que ela chegou e aceitou

muito mal a recusa de sua oferta de casamento. Mais tarde, ele se casou, mas uma epidemia de varíola afetou o rosto bonito de sua esposa, e os contínuos fracassos nos negócios roubaram-lhe a fortuna e o dote de sua esposa. Portanto, quando Oscar Frieberg morreu, ele deixou notas em nome de Karl de mais de quinhentas libras, garantidas por hipotecas sobre seus bens móveis e imóveis e sobre propriedades que pertenciam a sua esposa”.

“Quando os testamenteiros de Oscar fizeram o inventário, encontraram esses documentos que tornavam a viúva praticamente a dona da propriedade de Pettersen e notificaram o devedor de que ele precisava encontrar uma maneira de pagar suas dívidas.

Uma noite, Karl foi ver Kristina. Não sabemos o que aconteceu, mas seus servos mais tarde afirmaram tê-lo ouvido gritar, gritar e berrar como se estivesse sendo torturado, enquanto a mulher ria de seu sofrimento. Seja como for, os testemunhos afirmam que naquela mesma noite, ao deitar-se, teve um ataque de convulsões. Sua boca estava espumosa como a de um cachorro louco, e ele fazia murmúrios estranhos. Ele permaneceu em um estado de semi-inconsciência por muitos dias: ele se recuperou apenas para comer e então caiu novamente em delírio. Finalmente, ainda fraco, mas consciente, ele se sentou na cama, mandou chamar o xerife, o

pastor e o juiz, após o que denunciou formalmente Kristina de bruxaria.

“Eu disse que esta região escapou do horror da caça às bruxas que tomou conta da Nova Inglaterra, mas se os registros antigos forem verdadeiros, nós compensamos o que nos faltava em números.

Os velhos amigos influentes de Kristina estavam todos mortos, a igreja luterana sueca ficara sob o controle do episcopado e o Prebendário era um inglês cuja infância fora marcada indelévelmente pela caça às bruxas de Matthew Hopkins.

Praticamente todo homem à vista da comunidade era um velho pretendente desapontado e, se os homens podiam ter esquecido, suas esposas não. Além disso, embora as preocupações, as doenças e as múltiplas maternidades tivessem deixado seus rastros nessas mulheres, Kristina era mais encantadora na plenitude da maturidade do que fora na juventude. Que chance ele teve?

“Ela tratou as acusações com desprezo e se recusou a responder às reclamações vagas e incoerentes feitas contra ela. Parecia que o julgamento estava para encerrar por falta de provas quando a esposa de Karl Pettersen se lembrou do gato de Kristina. Não

negado por ninguém, ele declarou que aquele bichinho, ainda um gatinho, estava pulando e brincando na casa dos Frieberg, embora vinte anos tivessem se passado desde sua chegada ao porto. Nenhum gato natural poderia viver tanto; apenas um demônio disfarçado de gato sempre poderia se manter jovem”.

As pessoas de pensamento correto do país acreditavam que isso definitivamente provava que Kristina era uma bruxa e que ela dava asilo a um espírito doméstico. O pastor fez um sermão para a ocasião, inspirado no versículo vinte e sete do capítulo vinte do Levítico: “Um homem ou mulher que possua espírito doméstico, ou que seja feiticeiro, deve ser condenado à morte.”

“Eles a julgaram na praça da cidade. Registros dizem que Kristina estava vestindo uma camisa de seda escarlate, que foi a única coisa que seus perseguidores lhe permitiram tirar do guarda-roupa. O exame preliminar não conseguiu descobrir a marca do diabo em seu corpo, o mamilo da bruxa através do qual seu gato deveria se alimentar sugando seu sangue. Por conseguinte, a seu pedido, a Sra. Pettersen foi escolhida para procurá-lo *coram judice*.

Ela havia se abastecido de alfinetes e, a um sinal do juiz, arrancou a camisa escarlate de Kristina, deixando-a completamente nua no

meio de um círculo de olhos cruéis e ansiosos. Uma onda de vergonha ardente a dominou: ela queria erguer os braços para proteger os seios dos olhares lascivos dos preguiçosos reunidos na praça, mas seus pulsos estavam amarrados nas costas. Ele baixou a cabeça em um paroxismo de mortificação. Enquanto isso, o alfinete, que estava na mão de Pettersen, cravou primeiro na coxa, depois na lateral do corpo, ombro, pescoço e peito. Kristina se contorceu de agonia quando sua carne tenra foi perfurada em todos os lugares. A multidão rugiu e gritou de alegria.

A teoria, como você sabe, dizia que durante a iniciação na feitiçaria o demônio marcava o novo adepto com uma mordida. Desta marca, o animal, que a bruxa usava para sua magia negra, sugava o sangue para se alimentar. Dizia-se que essa marca do diabo ou mamilo de bruxa ficava dormente, mas, como geralmente não era diferente do resto da superfície do corpo, o inquisidor teria que picar e perfurar a bruxa várias vezes até que um ponto dormente fosse encontrado.

O sistema nervoso pode suportar uma quantidade limitada de dor, após a qual se refugia em uma espécie de anestesia defensiva. Este parece ter sido o caso da pobre Kristina: depois de muitos minutos de sofrimento, ela parou de se contorcer e gritar, e seu torturador

anunciou que ele havia encontrado o alvo. Era uma pequena área abaixo do seio esquerdo, era delimitada por quatro orifícios, semelhantes a alfinetadas, que eram colocados a dois centímetros um do outro de modo a formar um quadrado.

“Mas a constatação da marca não foi conclusiva. Embora uma bruxa certamente a possuísse, um inocente poderia ter algo semelhante. A prova da água então permaneceu. Acreditava-se que a água repelia o corpo de uma bruxa; portanto, se ela fosse amarrada e jogada em um lago ou rio, ela seria considerada culpada se flutuasse.

“Eles a amarraram à cruz. Eles a fizeram se agachar e amarraram o polegar da mão direita ao dedão do pé esquerdo com tanta força que os dedos dos pés logo ficaram azuis por falta de circulação. Em seguida, eles fizeram a mesma coisa com o polegar da mão esquerda e o dedão do pé direito. Depois disso, ela foi enrolada em uma camisola, cujas abas foram amarradas na cabeça. O pacote foi então amarrado à popa de um barco a remo com uma corda de cerca de seis metros de comprimento. O barco puxou Kristina por um quilômetro e meio para a baía de Raritan.

“No início, o ar dentro de sua camisa manteve Kristina à tona, e a

multidão gritou: ‘Flutue, eles não querem a água. Traga aquela bruxa imunda para terra e vamos queimá-la!’”

Mas, depois de alguns segundos, o ar escapou de sua camisa molhada e, embora Kristina afundasse na água até onde a corda permitia, nenhuma tentativa foi feita para recuperá-la até que o barco atracasse. Quando eles finalmente a puxaram para terra, ela estava morta.

“Karl Petterson confessou seu erro e declarou que o diabo o havia enganado. Como a inocência de Kristina foi provada por afogamento, ela recebeu um enterro cristão em solo consagrado. A propriedade de seu marido, da qual ela usufruía, passou para meu ancestral”.

“Uma das primeiras coisas que ele fez foi vender esta casa, que passou de dono a dono até que eu a comprei em um leilão no outono passado e a reformei como uma casa de férias. Encontramos o antigo celeiro cheio de móveis e o restauramos. Este mobiliário pertenceu a Kristina Frieberg.”

Olhei ao redor da grande sala de teto baixo. Cortinas de chita, decoradas com delicados buquês de rosas, pendiam das janelas.

Grandes poltronas e sofás eram cobertos por um tecido vermelho que combinava com o cinza das molduras das janelas e o verde claro das paredes. Uma mesa de centro de madeira de pêssego, polida com cera, estava na frente de um sofá. Um espelho antigo, emoldurado em ouro, pendurado em uma parede, enquanto na outra estava um armário embutido e uma cômoda chinesa antiga da cor de folhas secas de carvalho, que ainda exalava um perfume sutil. Acima da lareira pendia uma pintura antiga, emoldurada por uma fina tira de ouro.

“É Kristina,” nosso anfitrião disse, acenando com a cabeça em direção ao retrato.

A pintura retratava uma mulher não mais jovem, esguia, misteriosa, com cabelos negros brilhantes penteados para trás, olhos azuis profundos e remotos. Aqueles olhos pareciam sentir a dor em todos os cantos remotos do mundo. O rosto pálido era afilado e inteligente, o nariz pequeno e reto, o lábio superior curto e a boca teria sido bonita se não fosse tão severa.

Ela estava segurando um gatinho branco contra o peito. A mão que segurava a pequena besta era a mão de uma pessoa na qual o sangue das raças antigas corria. Os dedos eram longos e finos e terminavam em delicadas unhas rosadas. Havia algo naquele rosto

que chamou atenção. Essa mulher estava constantemente ciente da morte.

“*La pauvre*” - murmurou Grandin, olhando para o retrato com grande interesse. “E o que aconteceu com o Sr. Pettersen e sua esposa feia?”

Frieberg riu, quase encantado. “A história parece se repetir neste caso”, respondeu ele. “Você já ouviu falar que as hostilidades engendradas pelas perseguições de Salém terminaram quando os descendentes dos acusados e acusadores se casaram? Bem ... parece que após a morte de Kristina, os testamenteiros de Oscar Frieberg não encontraram nem um vestígio das notas promissórias e hipotecas assinadas por Pettersen. Todos suspeitavam de como elas haviam desaparecido. A Sra. Pettersen foi uma das primeiras a procurar nos papéis de Kristina uma cópia do pacto que ela havia assinado com Satanás. Mas, em qualquer caso, Karl Pettersen começou a prosperar após a morte de Kristina. Cada negócio que ele fez foi bem sucedido. Seus descendentes também prosperaram. Há dois anos, o último representante de sua linhagem conheceu Greta no Baile de Natal — Frieberg deu uma risadinha — e eles se apaixonaram à primeira vista. Acho que eles vão estar em frente ao altar e dizer "Sim", antes que a tinta dos seus diplomas tenha

tempo de secar.”

“Tudo isso nos leva de três séculos atrás até hoje e a Greta”, eu disse abruptamente. “Se bem me lembro, você começou a nos contar algo sobre a histeria dela e o efeito que esta casa teve sobre ela quando você começou a contar esta antiga história de família.”

“*Précisément, Monsieur*, a casa”, interrompeu de Grandin. “penso em preveni-lo, mas gostaria de saber o que você pensa ...” Ele fez uma pausa, erguendo as sobrancelhas interrogativamente.

“Isso mesmo”, respondeu nosso anfitrião. “Greta nunca tinha ouvido a história de Kristina e Karl Pettersen, tenho certeza, porque eu não a conhecia muito bem até que comprei a casa e comecei a vasculhar aqueles documentos antigos. Ela nunca tinha estado nesta casa, nem tinha visto as plantas, pois o trabalho de restauração foi feito quando a menina estava na faculdade. No entanto, assim que chegou, foi direto para o quarto, como se a conhecesse de cor. Aliás, o quarto dela é o mesmo...”

“Ocupado por Madame Kristina três séculos atrás!”, completou de Grandin.

“Bom Deus! Como você adivinhou?”

“Não adivinhei, *Monsieur*”, respondeu o francês com calma, “eu sabia”.

“Hum. Bem, a menina deu a impressão de que odiava este lugar desde o primeiro momento. Ela está melancólica e distraída, queixando-se de uma sensação constante de mal-estar. Ela dorme mal e, na maioria das vezes, fica tão irritada que é difícil morar com ela. Você acha que há algo psíquico sobre esta casa... algo que não sentimos, e que trabalhou em seus nervos até que ela desmaiou esta noite?”

“Absolutamente não”, respondi com firmeza. “A menina estudou muito, e ...”

“Muito provavelmente”, Jules de Grandin me interrompeu, “as mulheres são muito mais sensíveis do que os homens a tais influências, e é possível que a tragédia que essas paredes testemunharam foi inconscientemente percebida por sua filha, *Monsieur* Frieberg.”

“Dr. Trowbridge, não gosto deste lugar”, Greta Frieberg me disse, quando fomos vê-la no dia seguinte. “Há algo que me apavora,

que me dá a impressão de ser outra pessoa.”

Ela olhou para mim, com uma expressão meio questionadora e meio temerosa. Por um momento, tive a estranha sensação de ter em minha frente o fantasma sofredor de uma garota em carne e osso.

“Quem seria?” Perguntei. “O que você quer dizer querida?”

“Receio não ser capaz de dizer, senhor. É algo estranho, uma sensação de mal-estar combinada com a impressão de já ter estado aqui antes. É uma sensação que senti assim que cruzei a soleira desta casa. Tudo, a casa, os móveis, a atmosfera, pareciam me oprimir. Era como se algo antigo e infinitamente mau - como a vaga memória de um terrível pesadelo de infância - estivesse tentando encontrar seu caminho em minha consciência. Eu estava tentando definir esse sentimento, como tentar me lembrar de uma melodia ou nome esquecido. Mesmo assim, tive a impressão de que, se pudesse me lembrar, ficaria louca. Você me entende, doutor?”

“Temo não entender, criança”, respondi. “Você teve um momento difícil na escola ...”

Uma careta, a paródia de um sorriso, enrijeceu o rosto de De Grandin quando ele se inclinou na direção da garota.

“Diga-nos, *Mademoiselle*”, ele perguntou gentilmente, “havia algo mais, algo tangível que acompanhou essa sensação de desconforto?”

“Sim, havia!”, Greta respondeu.

“É aquele...”

“Voltei bem tarde ontem à noite, cansada e deprimida. À tarde, Karl Pettersen e eu jogamos tênis e depois fomos jantar em Keyport. Karl é um menino muito doce, e a lua estava simplesmente divina no caminho de volta, mas ...” O sangue correu para seu rosto e pescoço, e ela parou de falar.

“Sim, *Mademoiselle*, mas?”, de Grandin interveio.

Ela deu a ele um sorriso tímido e seu rosto ficou mais bonito. O sorriso animou a expressão triste em sua boca e ergueu ligeiramente os cantos dos olhos.

“Não deve ter passado muito tempo desde a sua juventude, doutor”, respondeu ela. “O que você fazia nas noites de verão, quando era lua cheia e você ficava sozinho com a pessoa que amava terrivelmente?”

“*Morbleu*”, riu o pequeno francês, “o que você faz, *petite*; não mais, eu acho, mas certamente não menos!”

Ela sorriu de novo, mas desta vez com um toque de tristeza. “Esse é o problema”, se lamentou. “Eu não pude.”

“Hein, o que você quer dizer, *Mademoiselle*?”

“Eu queria, Deus sabe que meus lábios e braços não desejaram, mas algo parecia se interpor entre nós. Era como se eu tivesse um prato de comida na minha frente e não comesse há muito tempo e então, antes que pudesse sentir o gosto, alguém sussurrou: "Está envenenado!"

“Karl ficou ofendido e surpreso, é claro, e fez o possível para superar minha aversão, mas quando seus lábios pressionaram os meus por um momento, senti uma tremenda repulsa. Senti que não suportava seu toque: seus lábios pareciam me sufocar. Se ele não

tivesse me deixado em paz, acho que teria desmaiado.

“Assim que chegamos em casa, corri para dentro, gritei boa noite para Karl e corri para o meu quarto. “Talvez um banho me faça bem”, pensei, e comecei a me despir, quando...” De novo ela se interrompeu, e agora não havia dúvida: a menina estava apavorada.

“Sim, *Mademoiselle*, e daí?”, o francês interveio com gentileza.

“Tirei a blusa e a calcinha, desamarrei o cabelo e amarrei pela parte de cima para colocar a touca de banho. De repente, olhei no espelho. Eu não acendi a lâmpada, mas o luar entrou pela janela e atingiu o espelho diretamente, então eu vi minha figura refletida...” Ela parou novamente, e suas narinas dilataram, “só que não era eu!”

“*Sacre nom d'un fromage vert*, mas o que você está me dizendo, *Mademoiselle*?”, perguntou Jules de Grandin.

“Não fui eu quem refletiu no espelho. Enquanto eu continuava a assistir, a luz da lua parecia quebrar em milhões de pontos brilhantes. Parecia mais uma névoa polvilhada com pó de diamante do que um raio de luz.

Era opaco e surpreendentemente diáfano ao mesmo tempo, tinha o brilho de uma massa de água, mas absorvia todos os reflexos. Então, de repente, onde deveria ter visto meu reflexo no espelho, vi outra figura tomar forma, velada por aquela névoa cintilante que parecia encher a sala, mas surpreendentemente distinta.

Ela era uma mulher, uma menina, talvez um pouco mais velha do que eu, mas não muito. Ela era alta e esguia, com seios altos e firmes e pele pálida como marfim. Seu cabelo, preto e sedoso, flutuava por suas costas, quase até os joelhos. Seus olhos azuis profundos e belos traços eram marcados por uma dor tão intensa que involuntariamente pensei naquelas pinturas medievais que retratavam a crucificação de uma forma realista e horrível.

Seus ombros estavam puxados para trás, porque ela estava segurando as mãos atrás das costas como se estivessem amarradas. No peito e na garganta, ela tinha vários ferimentos, como se ela tivesse sido perfurada várias vezes com algo afiado e fino. O sangue fluía de cada ferida e escorria pela pele pálida e macia.”

“Era ...” De Grandin começou, mas a garota o impediu.

“Sim”, ela disse a ele, “ela estava nua. Apenas seu cabelo lindo e o sangue brilhante que fluía de suas feridas a vestiam.

“Por um minuto, ou talvez uma hora, olhamos uma para a outra, aquela linda garota nua e eu. Pareceu-me que ela estava tentando desesperadamente me dizer algo, mas embora eu pudesse ver as veias e os músculos tensos ao longo de seu pescoço enquanto lutava para falar, nenhum som escapou de seus lábios doloridos. De alguma forma, enquanto estávamos nos encarando, comecei a sentir uma sensação estranha e incomum penetrar em meu corpo. Eu parecia me identificar com aquela outra garota e, junto com aquele sentimento de perda de personalidade, uma raiva cega e feroz tomou conta de mim. Aos poucos foi tomando forma, dirigindo-se a um objeto específico, e de repente percebi que estava sendo devorada pelo ódio: um ódio assustador, sufocante e assassino de alguém chamado Karl Pettersen. Não particularmente com o meu Karl, mas com qualquer pessoa no mundo com esse nome. Foi um ódio generalizado, algo semelhante ao ódio que sua geração deve ter nutrido pelos alemães durante a Grande Guerra. “Eu não posso... eu não quero odiar Karl!” Eu me ouvi exclamar e me virei para a outra garota. Mas ela foi embora.

“Eu estava sozinha no quarto escuro e vazio, havia apenas o luar -

uma luz normal agora - iluminando o chão.

Imediatamente acendi a luz e tomei uma dose de amônia aromatizada, porque meu sistema nervoso estava abalado. Finalmente me acalmei e fui para o banheiro tomar um banho.

“Eu estava prestes a entrar no jato d'água quando ouvi um miado fraco vindo de fora da janela. Aproximei-me e vi um gatinho branco fofo agachado no parapeito da janela além da tela. Seus olhos verdes brilhavam sob a luz do lustre e a ponta de sua língua rosada se projetava como a ponta das finas fatias de presunto que às vezes são vistas saindo de sanduíches nos bufês da estação. Desenganchei o mosquiteiro e deixei o gatinho entrar. Ele se enrolou no meu peito, começou a ronronar e me encarou com seus olhinhos espertos. Em seguida, ele estendeu uma pata acolchoada rosa e começou a lavar o rosto.

“Você gostaria de tomar um banho comigo, gatinho?”, eu perguntei, e ele parou de lavar e olhou para mim como se perguntasse: “O que você está dizendo”? Então ele encostou o nariz ao meu lado e começou a me lambe. Você não pode imaginar como ele me fez cócegas com sua língua áspera.”

“E então, *Mademoiselle?*”, perguntou de Grandin enquanto Greta parava para sorrir e recostar-se nos travesseiros.

“E então? Oh, não houve então, senhor. A próxima coisa de que me lembro é que estava na cama e que você e o Dr. Trowbridge estavam curvados olhando para mim, solenes e sábios como um par de corujas. Mas o mais engraçado é que eu não estava nem um pouco doente; eu estava muito cansada para responder às suas perguntas.”

“E o que aconteceu com aquele gatinho, *Mademoiselle?*” , perguntou De Grandin.

“Minha mãe não o viu. Receio que ele tenha se assustado quando eu caí e pulou da janela do banheiro.”

“Hum?”, Jules de Grandin, pensativo, apertou as pontas do bigode entre o polegar e o indicador e disse:

“E aquela mulher misteriosa que você viu refletida em seu espelho, *Mademoiselle?* Você pode, por acaso, identificá-la?”

“É claro”, respondeu Greta, com a mesma confiança como se ele

tivesse perguntado se ela havia estudado álgebra na escola, “era a menina cujo retrato está na sala, Kristina Frieberg.”

“Você vai me deixar na cidade?”, perguntou de Grandin quando saímos da casa de Frieberg. “Gostaria de completar aquela história estranha que ouvimos ontem à noite, consultando os documentos que são mantidos na igreja e no tribunal.”

Já tinha passado a hora do jantar quando ele voltou e, absorto em se despirm, não respondeu às minhas perguntas enquanto se barbeava e tomava um banho rápido. Finalmente, quando acabou a salada e o merengue glaceado, apoiou os cotovelos na mesa, acendeu um cigarro e olhou para mim com calma e seriedade.

“Eu descobri muitas coisas hoje, meu amigo”, disse ele solenemente. “Algo completa a história que *Monsieur* Frieberg nos contou, algo lança uma nova luz sobre os fatos conhecidos, mas outras informações são perturbadoras, infelizmente.

“Por exemplo: encontrei a história do gatinho que *Monsieur* Frieberg nos contou, o gatinho que se recusou a crescer. Quando a pobre *Madame* Kristina foi arrastada perante os juizes para julgamento, a pequena besta foi procurada com cuidado, mas

ninguém conseguiu encontrá-la. Durante o julgamento ao ar livre, várias pessoas tiveram um vislumbre dela, ela manteve uma distância segura das pedras, mas ela estava sempre presente. Além disso, quando *Madame* Kristina foi absolvida de bruxaria por não poder flutuar e foi enterrada em solo consagrado, a gatinha foi vista enrolada em sua sepultura à noite, como um floco de neve na grama nova. As crianças atiraram pedras nele e mais de uma vez os moradores foram ao cemitério para atirar nele, mas tanto as pedras quanto as balas foram ineficazes. O bichinho ergueu a cabeça e olhou para quem tentava machucá-lo com uma expressão triste e pensativa, depois voltou a cochilar na sepultura. Só quando chegaram perto demais ele se levantou. E, quando algum caçador conseguiu chegar perto o suficiente para acertá-lo com um pedaço de pau, ele desapareceu, apenas para reaparecer na sepultura quando seu perseguidor, cansado de esperar, fosse embora.

“Eventualmente, os aldeões se acostumaram com sua presença. Mas nenhum cavalo passava pelo cemitério sem sombra, e os cães mais bravos do país evitavam o cemitério como um lugar amaldiçoado. Certa vez, um aldeão pegou um par de mastins, determinado a exterminar o gatinho obsessivo, mas aqueles cães gigantes, que atacariam um touro furioso sem um momento de hesitação, recuaram e se esconderam da visão daquele gatinho de

cabelos brancos. E nem os pontapés, nem os golpes, nem os insultos do patrão os convenceram a ultrapassar o portão do cemitério”.

“Bem, o que há de perturbador nessa história?”, perguntei. “Parece-me que se houve uma intervenção sobrenatural neste caso, foi mais divina do que diabólica. Na verdade, os aldeões tentaram perseguir o gatinho indefeso exatamente como haviam feito com sua dona. O pobre animalzinho morreu no final, não foi?”

“Uma maravilha...” ele respondeu, então franziu os lábios e soprou anéis de fumaça perfeitamente circulares.

“Há alguém querendo saber o quê?”

“Muitas coisas, *parbleu*. Especialmente sobre sua morte e sua inocuidade. Siga-me, por favor. Por muitos anos o gatinho continuou sua vigília noturna sobre o túmulo. Então ele desapareceu e as pessoas não pensaram mais nisso. Uma noite, Sarah Spotswood, filha de um fazendeiro, estava passando pelo cemitério quando foi abordada por um gatinho branco. A pequena besta saiu para a estrada, no ponto em que contorna o túmulo de

Kristina Frieberg. Ele era muito sociável e, quando a menina se abaixou para acariciá-lo, o bichinho caiu em seus braços.”

Ele parou para dar outra tragada no cigarro.

“Sim?”, eu intervim, enquanto meu amigo observava os círculos de fumaça subirem preguiçosamente acima do candelabro.

“Sim,” ele respondeu imperturbável. “Sara Spotswood enlouqueceu em duas semanas. Ela morreu sem recuperar a consciência. Normalmente, ela estava em um estado de catatonia, mas às vezes caía em delírio. Nessas ocasiões, ela gritava e se contorcia como se a estivessem torturando, e feridas sangrantes apareciam em seus quadris, peito e garganta. Os atendentes do asilo, pensando que ela estava se machucando, colocaram-lhe uma camisa de força quando perceberam que um ataque estava por vir. Nada mudou: as feridas acompanhavam cada explosão de loucura, como se fossem estigmas. Além disso, e acho que vale a pena mencionar, uma gatinha branca, desconhecida dos funcionários do asilo, sempre foi notada por perto quando Sarah estava sendo tomada por seus ataques de loucura.

“Seu fim também foi trágico. Em uma tarde de verão, ela escapou da vigilância, correu para um riacho próximo e se atirou nele.

Embora a água fosse rasa, ela ficou deitada de cabeça para baixo até se afogar.

“Três outros casos semelhantes são registrados. Após a morte de Sarah Spotswood em 1750, três outras jovens enlouqueceram. A história, em todo caso, revela que a mulher doente pegou um gatinho branco perdido antes de estourar a loucura e que, nos três casos, o reaparecimento desse gatinho, ou de um animal semelhante, coincidiu com o retorno dos ataques de loucura. Como Sarah Spotswood, essas três jovens conseguiram se afogar. Levando esses fatos em consideração, você pode dizer que aquele gatinho está morto ou é inofensivo?”

“Você tem uma teoria?”, eu disse a ele.

“Sim e não”, respondeu ele enigmaticamente. “Pelas informações que temos, estou inclinado a acreditar que o veredicto que liberou Madame Kristina da acusação de bruxaria era falso. Foi devido à ignorância. Eu acho que essa mulher era o que pode ser chamada de bruxa? uma pessoa que tinha o poder, exercendo-o ou não, de fazer mal ou bem ao ser humano por meio de agentes sobrenaturais. E aquele gatinho branco, que nunca cresceu, que zelou pelo seu túmulo e que enlouqueceu quatro jovens, era o seu

espírito doméstico ... um demônio encarnado num animal, com cuja ajuda Kristina realizava ritos mágicos.”

“Mas isso é um absurdo!”, eu disse em tom de zombaria. “Kristina Frieberg morreu há três séculos, enquanto aquele gatinho ...”

“Ele não necessariamente morreu com ela”, ele me interrompeu. “Na verdade, meu amigo, há muitos casos em que o espírito doméstico sobreviveu a própria bruxa.”

“Mas por que ele iria procurar outras garotas...”

“*Précisément*”, respondeu ele gravemente. “Isso é o mais significativo. Os demônios das bruxas, embora sejam mensageiros do inferno, estão incorporados em corpos pseudo-naturais. Portanto, eles precisam se alimentar. A bruxa os alimenta com seu próprio sangue. O espírito doméstico suga aquele ponto dormente no corpo da bruxa, que é chamado de marca da bruxa ou mamilo da bruxa. Quando *Monsieur* Frieberg nos contou sobre o julgamento de *Madame* Kristina, você deve se lembrar que ele descreveu o ponto em que ela não sentiu dor. Era uma área quadrada, delimitada por quatro pequenas feridas semelhantes a picadas de agulha colocadas a uma distância de dois centímetros

uma da outra. Pense, meu amigo, pense bem, onde você notou essa cicatriz nos últimos dias?” Seus olhos redondos e alertas como os de um gato pensativo não se afastaram dos meus, nem por um momento, esperando minha resposta.

“Mas”, demorei-me, “oh, isso é muito absurdo, de Grandin!”

“Você não respondeu, mas vejo que reconheceu a semelhança”, replicou ele. “Aquelas” alfinetadas “, *mon vieux*, eram feitas de dentes de gato que perfuraram a delicada pele branca de *Mademoiselle* Greta antes dela desmaiar. Ela tinha todos os sintomas de sangramento, você deve concordar com isso, mas não encontramos sangue. *Pourquoi?* Porque o gatinho fofo que ela pegou, o animal de estimação, a lambeu um momento antes de Greta desmaiar, sugou o sangue de seu corpo. Aquele gato parece ser imortal, mas não é bem assim. De vez em quando, ele tem que se alimentar do único tipo de alimento que lhe permite desafiar a passagem do tempo: o sangue de uma jovem. Sarah Spotswood o alimentou e perdeu a razão, identificando-se evidentemente com a infeliz *Madame* Kristina, a ponto de mostrar os estigmas das alfinetadas que torturaram aquela pobre criatura durante o julgamento. A morte dela - por afogamento - também é igual à de Kristina. E então as outras três meninas loucas morreram... depois

de serem abordadas por um gatinho branco.”

“Então, o que você sugere que façamos?”, perguntei-lhe um tanto irritado, mas o toque do telefone nos interrompeu.

“Bom Deus!” , eu disse, depois de desligar o telefone. “Agora é a vez do jovem Karl Pettersen! A mãe dele me ligou para dizer que ele estava ferido e ...”

“Vamos imediatamente”, ele me interrompeu. “Vamos nos apressar. A menos que eu seja enganado, a ferida dele não é normal, mas um desafio que nos foi feito. Sim, eu tenho certeza!”

Acho que nunca vi um homem mais chateado do que o jovem Karl Pettersen. Seu ferimento era trivial - pouco mais que um arranhão na garganta - mas a expressão de dor e horror pintada em seu rosto era realmente impressionante. Quando lhe perguntei como aconteceu o acidente, sua única resposta foi um olhar louco e um lamento repetido: “Greta, oh Greta, como você pôde?”

“Acho que há algo de diabólico nisso, Trowbridge”, sussurrou Jules de Grandin.

“Eu também acho”, respondi gravemente. “Julgando por aquela ferida, eu diria que este pequeno idiota tentou se matar depois de uma briga entre amantes. Observe como o corte começa abaixo da concila da mandíbula e se torna mais fino e superficial ao nível da artéria. Já vi cortes como este milhares de vezes e ...”

“Mas não”, ele me interrompeu duramente. “A menos que o jovem *Monsieur* seja canhoto, ele deveria ter cortado o lado esquerdo de sua garganta. Em vez disso, esta ferida descreve uma curva ao longo do lado direito. Foi feito por outra pessoa, por alguém sentado à sua direita, por exemplo, em um carro.”

“*Monsieur!*”, ele agarrou o rapaz pelos ombros e o sacudiu com força. “Pare com esse lamento infantil. Sua ferida é apenas um arranhão. Vai sarar em um dia. Mas é sua causa que é importante. Como você conseguiu isso, por favor?”

“Oh, Greta ...” , Karl começou de novo, mas o impacto violento da mão de De Grandin em sua bochecha parou seu gemido.

“*Nom d'un coq*, você me faz perder a paciência!”, gritou o francês. “Aqui, beba um pouco disso!” Tirou do bolso do paletó um frasco de conhaque, despejou uma grande dose em um copo e colocou na

mão trêmula de Karl. “Ah, assim está melhor”, exclamou ele, enquanto o rapaz engolia a bebida. “Agora, *mon vieux*, beba de novo; precisamos saber a verdade, e rápido, e nunca vi uma aplicação melhor do provérbio “*in vino veritas*”.

Em cinco minutos, ele forçou o jovem a engolir uma grande porção de conhaque. Quando o licor potente começou a fazer efeito, sua gagueira incoerente tornou-se melancólica e pesada que, em outras circunstâncias, teria um efeito cômico.

“Agora, de homem para homem, *compagnon de débauche*, conte-nos o que aconteceu”, o francês ordenou solenemente.

“Greta e eu saímos para dar uma volta de carro depois do almoço”, disse Karl. “Nos apaixonamos desde o primeiro momento, e hoje perguntei se ela queria se casar comigo. Ultimamente ela estava distante e estranha, então pensei que talvez ela estivesse se apaixonando por outra pessoa, e que era melhor se apressar e convidá-la como esposa.”

De Grandin assentiu com uma expressão um tanto duvidosa. “Acho que entendo o que você quer dizer”, respondeu ele. “E quando você fez sua proposta ...”

“Ela não disse uma palavra, mas apontou para o céu, como se visse algo que a surpreendeu.”

"Sim, claro, e então?"

“Claro que olhei para cima e, antes que pudesse entender o que estava acontecendo, ela cortou minha garganta com um amolador e saltou do carro rindo. Eu não tinha me machucado muito, mas.. ”
Ele fez uma pausa, e vimos sua confiança alcoólica derreter e uma expressão de dor infantil contorcer seu rosto.

“O-o-o!”, ele lamentou tristemente. “Greta, minha querida, por que ...”

“A seringa, por favor, Trowbridge”, sussurrou Jules de Grandin.
“Não há mais nada para saber, e o ópio lhe dará um esquecimento lamentável. Meio grão de morfina será mais do que suficiente.”

“É a coisa mais maluca que já ouvi!”, exclamei enquanto saíamos da casa. “Outra noite, a menina nos disse que amava tanto Karl que o queria de todo o coração. E esta tarde, ela interrompeu sua declaração cortando o pescoço dele. Nunca ouvi nada tão

incrível...”

“Exceto, talvez, a história de Sarah Spotswood e as outras três garotas infelizes que a seguiram primeiro na loucura e depois no túmulo?”, ele me interrompeu com uma voz inexpressiva. “Posso garantir que a jovem *demoiselle* agiu loucamente. Ha, mas ela é mais louca do que...”

“Oh, pelo amor de Deus, pare com isso!”, eu pedi queixosamente. “Essas histórias são provavelmente puras coincidências. Não há nem um pingão de prova...”

“Se algo existe, devemos acreditar, quer haja ou não evidências”, disse-me ele seriamente. “Quanto às coincidências: se apenas uma menina enlouquecesse e morresse ao conhecer um gatinho como aquele que aparece em todas essas histórias, então poderíamos falar de coincidência. Mas quando três garotas enlouquecem nas mesmas circunstâncias, *parbleau*, falar sobre coincidência significa fechar os olhos para as evidências. Um caso, sim; dois casos, talvez; não três casos, significa estender o braço da coincidência até que se desloque, por Baco!”

“Oh, bem”, respondi com cansaço, “se você... bom Deus!”

Em uma velocidade vertiginosa, um pequeno carro com os faróis apagados desviou-se da curva fechada, errou por pouco nosso para-lama esquerdo e passou assobiando por nós como uma bala.

“Não é à toa que os custos do seguro são tão altos, com idiotas como aquele vagando pelas ruas!”, eu murmurei, gaguejando de raiva. Mas o zumbido de uma sirene de motocicleta encerrou meus protestos. Um policial apareceu na curva em busca do motorista louco.

“Você viu ele?”, o policial perguntou, parando ao nosso lado com um guincho de freios. “Que direção tomou?”

“Ele virou à direita”, respondi. “Correndo como um louco e com os faróis apagados, e...”

“Meu amigo está errado”, interrompeu de Grandin, sorrindo para o policial. “O louco virou à esquerda e já deve estar na cidade.”

“Mas tenho certeza de que ele virou à direita...” comecei, mas um chute raivoso na canela me disse que de Grandin queria deliberadamente mandar o policial na direção errada. Então

acrescentei: “Talvez eu estivesse errado”, então, quando o oficial se afastou:

“Mas que ideia você teve?”, perguntei.

“O louco que o policial perseguia era *mademoiselle* Greta”, respondeu ele. “Tive um vislumbre dela quando os faróis de nosso carro o iluminaram e sugiro que você a siga.”

“Talvez faríamos bem em fazer isso”, admiti; “mas se você dirigir assim, é provável que acabe em uma vala antes de chegar na casa.”

“Mas Greta não saiu esta noite”, disse a Sra. Frieberg quando chegamos. “Ela saiu à tarde, voltou logo depois do almoço e foi direto para o quarto. Tenho certeza que ele está dormindo.”

“De qualquer forma, podemos vê-la, *Madame?*”, perguntou de Grandin. “Se ela estiver dormindo, não vamos acordá-la.”

“Claro”, respondeu a mãe, e nos levou ao primeiro andar.

O quarto de Greta estava escuro e silencioso como um túmulo e,

quando acendemos a luz, a vimos dormindo pacificamente, com a cabeça voltada para a parede e os lençóis puxados até o queixo.

“Veja, a pobre garota está exausta”, disse a Sra. Frieberg, parando na porta.

De Grandin assentiu e foi na ponta dos pés até a cama. Então ele se inclinou sobre a garota. Por um momento ele permaneceu imóvel, então: “Sinto muito por nossa intrusão, *Madame*”, ele se desculpou, “mas em tais casos...”

Um encolher de ombros eloquente completou a frase.

Quando saímos, ele ordenou sussurrando: “Por aqui, meu amigo, ali embaixo daquela pérgula!” Sob uma pérgula de videira, que cruzava a calçada na parte traseira da casa, ele apontou para um carro estacionado. “Você o reconhece?”

“Bem, parece que é o carro que nos ultrapassou...”

“Toque!”, ordenou. Ele pegou minha mão e pressionou contra o radiador.

Eu a puxei de volta com uma exclamação reprimida. O metal queimava como um bule de chá cheio de água fervente.

“E isso não é tudo, *mon vieux*”, acrescentou ele enquanto nos afastávamos. “Quando eu fingi verificar a respiração de *Mademoiselle* Greta, aproveitei a oportunidade para afastar os lençóis. Ela dormia, mas o estranho é que estava totalmente vestida; ela até usava sapatos. A janela de seu quarto estava totalmente aberta, e uma pessoa ágil como ela poderia ter pulado até o chão e depois voltado da mesma maneira.”

“Então você acha...”

“Não, não, acho que não. Estas são apenas hipóteses, meu amigo. A mãe dela nos disse que ela saiu à tarde. Isso é o que ela pensava. Claramente, era isso que ela precisava pensar. *Mademoiselle* Greta saiu, encontrou o jovem *Monsieur* Pettersen e deu um passeio de carro com ele. Ela o feriu com sua maldita faca, depois fugiu do carro e voltou para casa. Depois de um tempo, quando a casa estava quieta, ela saiu pela janela, dirigiu para um destino secreto, depois voltou com pressa, voltou para o quarto exatamente como ela havia deixado, e, “ele franziu os lábios e encolheu os ombros”,

nós estamos neste ponto, meu amigo, mas eu realmente gostaria de saber onde estamos. "

“Estamos prestes a ir para casa dormir”, respondi com uma risada. “Depois de todos esses mistérios e absurdos, só estou disposto a beber e dormir por várias horas.”

“É uma excelente ideia,” ele acenou com a cabeça, “mas eu gostaria de parar no cemitério por um momento, se você for tão gentil. Eu quero descobrir se minha maldita suspeita é verdade.”

Em quinze minutos chegamos ao portão do antigo cemitério, onde muitas gerações de moradores do condado descansavam. Com confiança, ele percorreu as lápides que pareciam sentinelas. Então, a uma curta distância da parede coberta de hera que ladeava a estrada, ele parou para apontar para uma lápide coberta de musgo.

“Este é o túmulo de Madame Kristina”, ele me disse em um sussurro. “Era aqui ... por Baco! Olha, meu amigo! ”

Olhando na direção indicada por seu dedo, vi uma pequena mancha branca no musgo ao redor da base da lápide. Gradualmente, pouco a pouco, forma se movia e acabou tomando

forma de um pequeno gatinho branco fofo. O pequeno animal se levantou e olhou para nós com seus olhos redondos e brilhantes.

“Pobre animal!”, eu disse, me aproximando com a mão estendida.
“Ele está perdido, de Grandin.”

“*Pardieu*, acho que ele está bem em sua casa”, interrompeu-me ele, e se abaixou para pegar uma pedra do túmulo sob seus pés.
“*Regardez, s'il vous plaît!*”

Nos muitos anos que o conheci, nunca o tinha visto maltratar uma mulher, uma criança ou um animal, por isso foi com consternação que o vi atirar a pedra ao gatinho inofensivo. Mas, por maior que tenha sido minha surpresa com sua crueldade incomum, ela se transformou em puro e simples espanto quando vi a pedra atravessar o pequeno corpo, atingir o granito da lápide e ricochetear no chão com um baque abafado. Nesse ínterim, o gatinho olhou para De Grandin com um olhar fixo e ligeiramente divertido, mas não fez nenhum movimento para evitar a pedra e não demonstrou medo à nossa aproximação.

“Você viu?”, ele simplesmente me perguntou.

“Eu ... eu pensei ... eu juraria que...” gaguejei, e a risada com que ele saudou meu espanto estava longe de ser alegre.

“Você viu, meu amigo, e não há razão para duvidar de seus olhos”, ele me assegurou. “Outras cem pessoas fizeram o que eu fiz. Se todas as pedras que foram atiradas naquele gatinho branco se reunissem em uma pilha, acho que chegaria à altura de um homem. No entanto, nenhuma pedra o forçou a abandonar sua vigília sobre aquele túmulo. Ele já visitou este lugar várias vezes nos últimos duzentos anos, e sua aparência sempre significou uma tragédia para alguma garota local. Vamos, deize-o com suas meditações. Temos que fazer planos e temos coisas para fazer. Naturalmente.”

“*Gran Dieu des chats, c'est l'explication terrible!*”. A exclamação de De Grandin me distraiu de examinar a postagem matinal, quando terminamos nosso café da manhã na manhã seguinte.

“O que aconteceu?”, perguntei.

“*Parbleu*, o que não aconteceu?”, ele respondeu e me entregou uma cópia dobrada do Jornal, apontando para o pequeno artigo

com um dedo limpo.

TURISTAS ENGAJADOS EM UMA CAÇA AO TESOURO VIOLAM UM VELÓRIO

O título foi seguido por um relato sucinto:

Pouco depois das 23h da noite passada, vândalos invadiram a casa do falecido Timothy McCaffrey na Argyle Road, perto de Scandia, e roubaram duas das velas acesas ao redor do caixão. O corpo estava na sala da frente da casa, e muitos membros da família estavam na sala ao lado.

A Srta. Monica McCaffrey, 17, filha do falecido, sentou-se à porta que dava para o quarto onde o morto estava deitado e ouviu alguém abrir silenciosamente a porta da frente da casa. Por acreditar que se tratava de um vizinho que viera homenagear o corpo, ela não se levantou imediatamente, não querendo perturbar o visitante atento às suas orações. Mas quando ela percebeu uma diminuição repentina na luz da sala onde o corpo de seu pai estava, como se muitas velas tivessem se apagado, ela se levantou para ver o que havia acontecido.

Ao passar pela porta de comunicação, viu uma pessoa, vestindo um casaco esporte bege claro, sair correndo pela porta da frente da casa. Ela seguiu o intruso até a varanda e teve tempo de vê-lo entrar em uma pequena automóvel que estava ao lado do portão com o motor ligado. O carro arrancou em alta velocidade.

Mais tarde, quando questionada pela polícia, ela não conseguiu estabelecer se o intruso era um homem ou uma mulher, pois o casaco usado pelo ladrão se estendia além dos joelhos, e ela não conseguiu ver se, sob o sobretudo, o intruso usava calça ou uma saia.

Quando a Srta. McCaffrey voltou para casa, ela descobriu que todas as velas ao lado do caixão estavam apagadas e que duas velas haviam sido roubadas.

A polícia acredita que o ato de vandalismo gratuito foi cometido por alguém da colônia de verão chique que reside na Escandinávia. Os turistas estavam de fato engajados em uma "caça ao tesouro". A hipótese policial baseia-se no fato

de que apenas duas velas foram tiradas pelo intruso.

“Pelo amor do céu!”, eu disse e olhei para de Grandin com espanto.

Seus olhos me olharam desafiadores.” *Non*”, ele respondeu brevemente, “não pelo amor do céu, meu amigo, mas bem longe do céu, eu lhe asseguro. O ladrão que roubou aquelas velas nos alcançou ontem à noite em seu caminho para casa.”

“Ao voltar para casa? Você quer dizer ...”

“Certamente. *Mademoiselle* Greta usava uma jaqueta semelhante ao descrito no jornal. Sem dúvida, ela estava voltando de sua incursão blasfema.”

“Mas por que ela queria aquelas velas?”

“Essas velas foram abençoadas e exorcizadas, meu amigo. Eles foram, se pode ser dito, espiritualmente esterilizados, e é uma regra do antigo *coven* das bruxas usar objetos roubados de igrejas para seus rituais ímpios. Todas as evidências apontam para uma conclusão horrenda, e vamos verificá-la esta noite.”

“Esta noite?”

“*Précisément.* É dia vinte e três de junho, dia de São João. Fogueiras em todo o mundo serão acesas com chamas repentinas esta noite, nas montanhas e vales, ao lado dos rios e lagos tranquilos. Na França e na Noruega, na Hungria e na Espanha, na Romênia e na Suécia as chamas serão vistas em silhueta contra a escuridão da noite, enquanto as pessoas dançam ao redor de fogueiras e entoam fórmulas mágicas contra as forças do Mal. Durante a noite de São João, bruxas e feiticeiros têm um poder enorme. Esta noite o que ameaça nossa jovem amiga se manifestará. Devemos estar prontos para impedi-la... se pudermos.”

“Greta foi dançar no Country Club”, disse a Sra. Frieberg, quando visitamos nossa paciente naquela noite. “Eu não queria que ela fosse lá: ela tem estado tão superexcitada e nervosa o dia todo! Mas ela insistiu em se sentir muito bem, então...”

“Precisamente, *madame*”, concordou Jules de Grandin. “Provavelmente, ela não terá nenhum efeito adverso à saúde, mas por precaução iremos vê-la no Country Club para saber como ela

reage ao esforço físico.”

ENTÃO, NA ESTRADA...

“Mas pensei ter ouvido que estávamos indo para o Clube”, protestei, quando de Grandin tocou meu braço para me sinalizar para virar à esquerda. “Mas então vamos ao cemitério...?”

"Naturalmente, meu amigo. Lá está o túmulo de Madame Kristina, lá está o gatinho branco que observa. Lá devemos testemunhar o último ato desta tragédia.”

Ele ergueu um pequeno pacote sobre os joelhos e começou a desatar os nós que o prendiam.

“O que é isso?”, perguntei.

Em resposta, ele rasgou o papel que envolvia o pacote e mostrou uma espingarda calibre doze com seu cano duplo sem corte.

“Bom Deus!”, murmurei. “Por que você trouxe isso?”

Ele sorriu um pouco sombriamente ao responder: “Para provar a eficácia do conselho que dei a mim mesmo esta manhã.”

“O conselho que você se deu esta manhã...? Bom Deus, você está delirando?”

“Talvez sim”, respondeu ele com um sorriso. “Há quem jure que a inteligência de De Grandin é pura loucura, e outros que lhe asseguram que a sua loucura nada mais é do que inteligência disfarçada. Saberemos muito mais antes de envelhecer, eu acho.”

O ar parecia denso, pesado e ligeiramente ameaçador enquanto caminhávamos através das sepulturas. O silêncio, sufocante como a poeira dos séculos em uma pirâmide, pairava sobre nós. A música de um grilo soava tão alta e aguda quanto o barulho de metal contra metal enquanto caminhávamos pelo caminho entre as lápides. As estrelas, capturadas por uma teia de nuvens, empalideciam à luz da lua crescente. Involuntariamente, senti um arrepio percorrer meu pescoço e minhas costas. Os mortos descansavam pacificamente por pelo menos duzentos anos, eles eram inofensivos, mas a razão é impotente quando o instinto segura as rédeas. E meu coração começou a bater mais rápido e minha respiração acelerou quando paramos em frente à lápide que indicava o túmulo de Kristina Frieberg.

Não sei quanto tempo esperamos. Talvez apenas uma hora, talvez várias horas. Mas me pareceu que durante séculos estivemos agachados nos arbustos iluminados pela lua e nas sombras purpuras, quando os dedos de De Grandin em meu cotovelo me acordaram da sonolência para o terror. Ao lado do portão, que dez gerações cruzaram para chegar ao local de descanso final, uma sombra se moveu entre as sombras. Às vezes desaparecia e às vezes destacava-se contra os postes de luz, orlada de loureiros que balançavam com a leve brisa. O terror me tocou como um vento frio. Era como eu fosse uma criança assustada que se encontra sozinha no escuro.

De repente, uma mancha de luz apareceu contra a escuridão do céu, então uma segunda mancha de luz laranja se acendeu e eu vi Greta Frieberg vindo lentamente em nossa direção.

Ela estava vestida de vermelho. Ela usava um vestido de noite de tule plissado vermelho brilhante sem mangas: o vestido dobrado na cintura, moldando seus quadris finos e bem feitos, e balançava em torno de suas sandálias de prata. Em cada mão ela carregava uma vela que furiosamente lambia as sombras com sua língua de chama laranja. Bem na frente dela, à luz das velas, um gatinho branco caminhava. Ele caminhou silenciosamente sobre suas patas

delicadas, conduzindo-a calmamente ao túmulo de Kristina Frieberg como um cachorro acompanha um cego.

Eu queria falar, mas a pressão de De Grandin em meu braço me impediu de abrir a boca. Ele silenciosamente apontou para o portão que Greta acabara de entrar.

Havia outra figura que avançava com cautela, esquivando-se das lápides e se escondendo atrás dos arbustos, sempre mantendo uma distância constante da garota. Num segundo olhar eu o reconheci. Era o jovem Karl Pettersen.

Greta avançou para o cemitério atrás de seu estranho guia, parou perto da lápide do túmulo de Kristina e colocou as velas bruxuleantes no chão como se as estivesse arrumando em frente a um altar.

Por um momento, ela ficou imóvel como uma estátua enluarada. Vi seus dedos se entrelaçarem como se rezasse a uma divindade inexorável. Então ela ergueu as mãos, desabotoou o vestido e começou a sacudir o corpo com um balanço preguiçoso. Parecia uma figura de um filme projetado a baixa velocidade. Ela tirou o vestido de cor da noite escarlate e o deixou cair.

Seu corpo nu, branco e sutil, tornou-se marfim ao luar. Parecia mais a estátua de uma mulher do que uma criatura de carne e osso. Nós a vimos cruzar as mãos atrás das costas, esticar os pulsos e os cotovelos até que se pressionassem como se estivessem amarrados por tiras de couro. Uma expressão de dor tão intensa e excruciante apareceu em seus traços que as representações dos mártires que os artistas medievais pintaram com tão cruel realismo vieram à mente.

Ele estava se contorcendo como se sentisse uma dor intensa. A cabeça balançava de ombro a ombro, os olhos estavam fixos, quase fora das órbitas. Seus lábios mostraram uma espuma avermelhada onde ele os mordeu com os dentes. Em seus quadris brancos, em seus ombros sedosos, em seu pescoço tenso e seios suavemente arredondados, feridas vermelhas, cruéis, sangrentas de repente floresceram. Um fluido cor de rubi jorrou das feridas, como se um alfinete impiedoso e afiado estivesse fazendo uma incisão e cortando a carne tenra e trêmula.

Um movimento repentino ao pé da tumba desviou nosso olhar da jovem sofredora. Karl Pettersen estava imóvel à luz das velas, o rosto brilhava de suor, os olhos brilhantes e dilatados como se

estivessem cheios de beladona. Sua boca começou a se contorcer convulsivamente e suas mãos a tremer em uma contração nervosa.

“Veja... olhe”, gaguejou ele, “ela está se tornando uma bruxa! Não é a Greta, mas a bruxa malvada que mataram há muito tempo. Eles estão perfurando-a para encontrar a marca da bruxa. Eles logo a afogarão na baía. Eu conheço a história: a cada cinquenta anos o demônio-gato exige que outra vítima seja submetida à tortura com alfinetes, então...”

“Você está certo, *mon vieux*, mas eu realmente acho que ele encontrou sua última vítima”, interrompeu Jules de Grandin, e apoiou a coronha do rifle na dobra do cotovelo esquerdo, puxando os dois gatilhos com a mão direita.

Duas chamas se acenderam na nuvem de fumaça, e o rugido do rifle foi abafado por um grito estrangulado de agonia. Porém, mais do que um grito de dor, foi um grito de raiva insana, enfurecido por uma raiva impotente. Ele jorrou terrivelmente, e o gatinho, que estava agachado aos pés de Greta, pareceu literalmente voar aos pedaços. Embora a dupla carga de balas o tivesse atingido com precisão, não me pareceu que tivesse sido rasgado, ao contrário, parecia que seu pequeno corpo tinha sido preenchido com um

explosivo ou um gás mantido sob tremenda pressão, e que as balas tinham liberado e causou uma detonação que eliminou todos os vestígios do gatinho branco.

Quando o gatinho desapareceu, Greta caiu no chão inconsciente e, surpreendentemente, como se tivessem desaparecido magicamente, as feridas latejantes e sangrantes desapareceram. Sua pele pálida estava impecável e imaculada à luz fraca das velas.

“E agora, *Monsieur, s'il vous plaît!*” Com um salto ágil, De Grandin saltou para a sepultura, puxou o rifle e acertou a cabeça de Karl com a coronha.

“Meu Deus, você está louco?”, eu perguntei a ele quando o jovem caiu no chão como um boi abatido.

“De jeito nenhum, eu garanto”, ele respondeu, olhando para sua vítima com uma expressão pensativa.

“Cuide de *Mademoiselle*, por favor, então me ajude a transportar o rapaz no carro.”

Desajeitadamente, coloquei o vestido escarlate nos ombros de Greta, a agarrei pelas axilas, parei por um momento e deixei o vestido escorregar em seu corpo. Ela era um pouco mais pesada do que uma criança, e levei-a para dentro do carro com pouco esforço e voltei para ajudar de Grandin.

“Por que diabos você bateu nele?”, eu perguntei enquanto caminhávamos para o meu carro.

Imensamente satisfeito consigo mesmo, ele cantarolou uma melodia antes de responder: “Isso foi necessário o rapaz perder a consciência, meu amigo. Sem dúvida, ele seguiu *Mademoiselle* Greta para fora do Clube, a viu acender as velas e se despir, depois exibiu os estigmas sangrentos da bruxa. Você ouviu o que ele gritou?”

“Sim.”

“Muito bom. Esses dois se amam, mas a memória das coisas que ele viu esta noite pode se tornar um espectro horrível entre eles. Devemos eliminar todos os vestígios dessa memória e também da ferida que ela infligiu a ele. É claro. Quando eles recuperarem a consciência, estarei pronto. Vou eliminar a memória desses fatos

desagradáveis de sua memória.”

“Como você vai fazer isso?”

“Com hipnose. Você sabe que sou um especialista, e esses dois, enfraquecidos quando acabarem de voltar à consciência, vão oferecer pouca resistência à minha vontade. Colocar em suas mentes ideias que amadurecerão e frutificarão com o tempo será uma brincadeira de criança para mim.”

Ficamos em silêncio por alguns minutos, depois, rindo, anunciou: “*Tiens*, essa garota teve sorte de ter conhecido Jules de Grandin. Esses outros não tiveram tanta sorte. Não houve Jules de Grandin para salvar Sarah Spotswood, nem as outras garotas. Não. Nesse caso, o mesmo processo havia começado. A princípio surgiu um sentimento de aversão pelo amante, uma repugnância por abraçá-lo. A maldade substituiu sua vontade. Então, quase inconscientemente, ela o feriu com uma faca, mas sua vontade não foi completamente subjugada. As forças do mal a empurraram para sangrá-lo, mas o amor dela por ele a segurou, de modo que ele só teve um pequeno arranhão.”

“Você quer dizer que Kristina Frieberg foi responsável por todos

esses eventos?”, perguntei.

“Não, não quero dizer isso”, respondeu ele, pensativo. “Eu acho que ela foi muito infeliz, mais vítima do que culpada. Aquele *sacré petit chat* - aquele gatinho maldito - era seu gênio do mal, e de Sarah Spotswood e das outras garotas, assim como de *Mademoiselle* Greta. Você se lembra da história de *Monsieur* Frieberg? Você se lembra que seu tio-avô encontrou a pequena Kristina enquanto ela tentava pular nas chamas que seus pais estavam queimando, com um gatinho agarrado em seus braços? Esta é a explicação. Seus pais, sem dúvida, foram condenados com justiça pelo crime de bruxaria, e o gatinho era o demônio que usavam para fazer sua magia diabólica. Quando queimaram, o gato se agarrou à pobre filha. Ele não precisou realizar nenhuma magia maligna, porque não há evidências de que Kristina praticava feitiçaria. Mas o gato era um demônio, instintivamente levado à maldade, e a bondade de Kristina o irritou, então a fez morrer tragicamente. Então ele precisava encontrar uma nova fonte de nutrição, pois os demônios bruxos, como os vampiros, vivem sugando sangue humano. Como resultado, ele escolheu Sarah Spotswood como vítima, e tirou seu sangue e sanidade, eventualmente sua vida. Por meio século ele viveu da vitalidade que havia tirado daquela infeliz garota, então - pufe! - outra vítima

sofre, enlouquece e morre. A cada cinquenta anos, essa história se repetia até que o destino coube a *Mademoiselle* Greta ... e a mim. Está tudo acabado agora.”

“Mas eu vi você atirar uma pedra nele ontem à noite, sem sucesso”, eu disse polêmicamente, “e ainda esta noite...”

“*Précisément*. Esse episódio me fez pensar: as balas normais não têm efeito sobre ele. Quando vi a pedra passar por seu corpo, disse a mim mesmo: Já que este é o caso, o que devemos fazer com esta criatura, Jules de Grandin ?”

“Fantasmas e lobisomens, que são impenetráveis às balas normais, podem ser mortos com balas de prata”, respondi.

“Muito bem, então: ‘Jules de Grandin’, disse a mim mesmo, vamos tentar usar uma bala de prata. Então eu me lembrei: “Ha, mas aquele gatinho é astuto. Então, me certifiquei de que não estava errado. Com o ourives comprei algumas limalhas de prata, com as quais enchi algumas balas. ‘Agora, *Monsieur le Chat*’, eu disse, se você conseguir escapar disso, ficarei muito surpreso.”

“*Eh bien*, não fui eu quem me surpreendeu!”

Levamos os dois para o meu consultório e, enquanto eu ia buscar vinho e biscoitos a pedido de Grandin, ele os colocou lado a lado no sofá e se levantou diante deles.

Quando voltei na ponta dos pés, um quarto de hora depois, Greta dormia pacificamente no sofá, enquanto Karl fitava fascinado os olhos de Júlio de Grandin.

“... e você não se lembrará de mais nada além do fato de que você a ama e ela ama você”, disse de Grandin, enquanto o rapaz respondia com um suspiro de assentimento.

“Ora, estamos no escritório do Dr. Trowbridge!”, Greta exclamou, abrindo os olhos.

“Sim, claro”, respondeu de Grandin. “Você e *Monsieur* Karl sofreram um pequeno acidente de carro e nós os trouxemos aqui.”

“Karl, meu querido”, ela pareceu notar o arranhão no pescoço do rapaz pela primeira vez, “mas você está ferido!”

“Ah, não é nada sério, *Mademoiselle*”, de Grandin disse a ela com uma risada. “Essas feridas pertencem ao passado e esta noite o

passado está morto. Veja, agora podemos mandá-los para casa, mas primeiro”, ele encheu quatro taças de champanhe e as entregou a cada um de nós, “primeiro vamos brindar a sua felicidade e o esquecimento de todas as coisas ruins que aconteceram no passado.”

FIM

(The Witch House)

O Início depois do Fim **(narrado por Odessa de Bougainville)**

Escrito por Helena Renato

Revisado por Marcelo Alves

CAPÍTULO 1

Ver meu irmão partir era sempre a pior sensação, principalmente quando o trio de navios mercantes sumia no horizonte.

O balançar da carruagem e as brisas do Mar Antigo durante minha volta para casa até que tentavam aquietar o meu coração, mas não podiam mudar o fato: estava só. Durante dois meses? Um ano? Bem, Ulisses havia me prometido que não demoraria, “vão ser só três meses negociando os rebanhos no Mar Oeste”.

Quanto a mim, diferente daquele aventureiro, preferi cuidar da parte mais chata do nosso negócio. Sabia que minha mesa cheia de papéis me esperava quando avistei a mansão à beira-mar. Sorri, contemplando as luzes se acendendo ao cair da tarde dourada que banhava a construção e o bosque de Bougainvilles ao redor. Um chuvisco começou e logo se transformaria em tempestade.

A primeira coisa que fiz quando os criados foram me tirar da

chuva foi pedir o banho e o jantar urgentemente. Tentava não demonstrar, mas eu estava horrível. Ficar desde o horário do almoço organizando os preparativos de uma partida no porto não era pra qualquer um, acredite!

Suspirei de prazer quando me vi limpa indo para o quarto/escritório, só parando num espelho para ver o meu estado: o suor já não engordurava a minha pele marrom escura e as tranças até que tinham sobrevivido ao dia. Só os meus olhos continuavam o de sempre, não importava a situação, sempre sem brilho acima das olheiras. Tentando afastar a depressão habitual, logo me recolhi e dei uma noite de folga indo direto pro jantar. Filé de Dourado, camarões no vapor com tomates, vinho... eram os meus preferidos.

A chuva começou a apertar no momento em que deitei. Os trovões faziam tremer o litoral e os raios iluminavam o aposento por entre as frestas das cortinas.

Não seria agora que eu iria dormir, não com aquela barulheira lá fora e uma ainda maior dentro de mim. “Por que não consigo estar feliz?” pensava, encarando o dossel da cama, contendo o choro. ‘Sou bem de vida, nada me incomoda, o povo me respeita, Ulisses me ama...’

—Não queria estar tão só. —queixou-se, porém a resposta foi somente o oceano revolto, mandando mais trovões e raios.

Mal sabia eu na época que o pedido seria atendido da maneira mais surpreendente que se pode imaginar.

CAPÍTULO 2

Caminhar pelas praias era revigorante e cansativo ao mesmo tempo para mim, tão acostumada com a meia luz do escritório. Eram recomendações médicas; isso ou morrer antes dos trinta. Eu tinha vinte e cinco quando fiz uma caminhada que mudaria tudo.

Para o lado em que ia estava deserto, como o habitual, e se olhasse para trás veria os rochedos e as falésias. E mais ao longe ainda, a mansão e os portos da cidade de Mairi. Nada de interessante parecia perturbar a normalidade do lugar, até os pássaros continuavam as suas pescarias sem se importar comigo.

Chequei o relógio: só mais cinco minutos e já poderia voltar. Dava tempo só de fazer uma curva num paredão mais a frente.

Então, quando mal tinha fechado o tampo do relógio, as areias tremeram e a paisagem saiu de sua tranquilidade. Os tremores continuaram ritmados, vindos de além da curva. Engoli em seco e me armei com a primeira pedra que peguei e fui ver o que ou quem causava tudo aquilo.

—Quem ousa fazer essa confusão aqui?!—resmunguei fazendo a curva.—Não sabem que isso é propriedade particular? Não viram as placas, os muros, o...?!

Um arrepio de medo subiu pelo meu corpo.

Não era terremoto, nem confusão... eram roncos. Roncos de alguém que dormia profundamente. Alguém enorme.

Meu irmão já havia visto alguns poucos em viagens pelas ilhas do Mar Novo, porém eles pareciam tão distantes da minha realidade que nunca achei que veria um.

“Gigantes!”

Não, não, era parecido, mas não. Quando desviei o meu olhar do rosto enorme dela, vi que a partir da cintura pra baixo as coisas não eram como ele havia me contado. Não, aquilo realmente era uma lenda até para marinheiros velhos como ele. Tinha escamas, uma cauda de peixe, dedos unidos por membranas, garras...

“Sereias...”

Uma sereia de uns dez metros de altura estava desmaiada na minha frente. Pronto. Repense se você deseja continuar a leitura porquê isso não é um livro de viagens comum, nem ao menos de boa qualidade.

Sua pele furta-cor contrastava com o cabelo branco-perola e com os arpões que feriam boa parte de seu ventre. Eu ainda não conseguia me mover quando a pedra escorregou de entre os meus dedos e caiu fazendo barulho pelos cascalhos. Os roncos cessaram e eu dei um guincho de terror no instante no qual ela despertou e

me encarou. Ela parecia tão assustada quanto eu, porém fraca demais para reagir.

Ousei chegar mais perto. Os arpões eram de diferentes lugares do mundo, podia ver pelas inscrições de identificação nos cabos. Ela estava sendo caçada desde o Mar Novo, supus segurando uma das armas e puxando para longe dela com cuidado, vindo talvez junto com migrações das baleias.

Uma parte forte de mim queria fugir, me trancar no quarto e não ter que olhar mais para aquele pedaço da propriedade, mas uma outra parte, tão forte quanto, lembrava das histórias sobre os lugares distantes onde diziam que a magia ainda vivia. Quando dei por mim, ela não tinha mais nenhum arpão e me encarava surpresa.

A sereia me segurou pela cintura e eu nem pude reagir. Com uma expressão de dor ela se arrastou pela areia e se encostou no paredão. Nisso eu consegui notar ainda mais as suas garras e dentes afiados, então o lado ruim de ter escutado tantas histórias apareceu.

“E SE ELA ME DEVORAR?! Se elas forem igual os gigantes?!”

Comecei a implorar pela vida em todas línguas que dominava, mas o sorriso gentil que ela deu me fez parar de pedir. Ela, então, falou:

—Por qual motivo machucaria alguém que me tirou do

sofrimento?

—Você me entende?!

—Posso estar debaixo d'água, mas escuto bem, principalmente os meus irmãos Gigantes e os serezinhos mais do litoral.

Enrubesci, encantada, talvez fazendo a maior cara de boba, o que a fez corar também.

—Estava sendo caçada?

—Infelizmente. Logo quando decido espiar outros lugares isso acontece... —e pegou um dos arpões, tão pequeno quanto um palito de churrasco comparado a um humano.

Esse movimento me deixou bem tonta e teria caído da palma de sua mão se não tivesse me segurado a tempo. Ela franziu a testa, me examinando, até que pareceu ter uma ideia que iluminou o seu rosto quando me pôs no chão. Logo depois disso, seu corpo começou a se tornar transparente, como se virasse água e se moldasse como ela. Espumas e bolhas a envolveram e ela começou a diminuir até que ficou do meu tamanho e com duas pernas. Apenas um véu translúcido cobria seu corpo. Penteando os cabelos molhados e vindo em minha direção, disse tentando não me espantar mais:

—Por Ciano! Eu achei que não daria certo de primeira! Como vocês usam essas coisas?! —e aí ela, de pernas bambas, que teria

se caído se não tivesse se apoiado.—Nossos irmãos preferiram a terra e sua dureza, já nós ficamos na água que nunca é a mesma.

Na minha timidez só consegui estender a mão e dizer meu nome. Ela riu numa melodia doce retribuindo o gesto.

—Muito prazer, Odessa. Chamam-me de Beatrice.

É... meu pedido havia sido atendido de uma maneira inusitada. Não conseguia imaginar a cara do Ulisses se algum dia a convidasse para um jantar. Corei de novo, com algo novo brotando em meu peito, enquanto eu e Beatrice andávamos pela maré baixa conversando como se nos conhecêssemos desde outra vida.

CAPÍTULO 3

A partir daquele dia os criados começaram a estranhar a minha alegria ao acordar, diferente do mau humor de antes. Devorava com rapidez o café da manhã para logo ir descendo o bosque para encontrá-la.

Só no cair da tarde retornava. Não era da conta de ninguém o que fazia ou não. Talvez da de Ulisses, mas ele estava longe e os papéis que antes tanto me prendiam em casa podiam esperar.

—Está realmente levando o conselho médico a sério, Dona Odessa.—comentou uma das cozinheiras enquanto me servia o café.

—Aprendi a gostar da praia.—respondi, engolindo o restante da omelete.

Logo estava saindo com o vestido e com o chapéu de palha ondulando na brisa. Levava debaixo do braço uma cesta com as melhores frutas e pães que consegui comprar.

Admirada, via Beatrice comer os baguetes com queijo, salaminho e pimenta, rindo quando ela engolia um pedaço muito grande e quase enfiava a cara na jarra de suco para diminuir a ardência da pimenta. A mulher também ria me vendo tentar descobrir por onde começar a comer a salada de algas que tinha preparado. Aquela troca culinária sempre marcava o início de nossos encontros e fortalecia cada dia mais o seu corpo ferido. Ficava profundamente feliz. Ao pôr-do-sol, ela retornava a sua enorme forma e ficava nadando por perto. Algumas vezes eu a acompanhava e o lusco-fusco dourado e azul, somado ao silêncio, nos envolvia debaixo d'água.

Bem, como deve imaginar, o tempo nos fez muito mais do que amigas. Nunca havia me conectado com alguém daquele jeito e ela deixava claro que sentia o mesmo.

O único problema que me perturbava naquele momento era o meu irmão, o prazo dos três meses logo iria acabar e nada dele voltar, nenhuma carta, nada. Toda noite eu acendia uma vela em seu nome. A mansão era silenciosa sem ele.

No passar do terceiro mês, Beatrice me percebeu abatida, tão abatida que tinha até esquecido de levar uma cesta com comida nova. Justifiquei-me culpando a insônia. A sereia não sabia como era temer o mar, temer por aqueles que partem e que podem ou não voltar.

E assim passaram mais três meses. Minha amada já estava totalmente curada. Quando consegui correr e saltar ao meu redor, eu fiquei pulando de alegria, só parando para recebê-la nos braços com um beijo.

—Maravilha, meu amor! Poderá conhecer a minha casa e a cidade. Vai visitar aquela taverna que tanto te contei!

Nesse momento, ela parou com o carinho, como se tivesse acordado de um longo sonho. Uma sombra passou por sua expressão, mas a sereia logo sorriu e juntou sua mão a minha. Se estivesse com medo eu entenderia, com certeza, mas nada ela me disse.

Foi numa manhã de quarta-feira que não fui visitá-la, um começo de dia feio, cinzento. Contudo, eu, a mansão e o porto nem se importavam porque eles retornavam! Os pontinhos aumentavam à medida que se aproximavam.

Quando os três navios ficaram visíveis e atracaram, veio o horror. Destruídos por tempestades, só um milagre explicava estarem flutuando. As velas esfarrapadas, pintura lascada e muito

mais denunciavam a passagem por tempestades ou coisas piores.

E o pior aconteceu. Das embarcações só um mínimo número de marinheiros desembarcou, suficiente só pra manobrar tenho certeza. As famílias se acotovelaram para ver melhor, comigo no meio chamando por Ulisses.

Homens e mulheres, fracos e em estado de pânico, passavam em nossa frente como numa procissão, alguns com as costelas aparecendo de tão magros, outros mais mortos do que vivos sendo levados em macas por aqueles que conseguiam sustentá-las.

Um desses que eram levados era o meu querido irmão. O movimento da multidão é que me moveu como uma onda violenta, senão eu teria ficado cravada no chão.

O armazém do atracadouro virou ambulatório de emergência, com médicos, enfermeiros e barbeiros-cirurgiões tentando ajudar como podiam ao som dos marujos em delírio. Segurava a mão dele como se pudesse agarrar sua alma ao seu corpo, sentindo os olhos arderem, mas eu não podia me dar ao luxo de chorar. Por ser a segunda no comando daquela viagem, aqueles que estavam em condições vieram falar comigo e minhas suspeitas do que tinha acontecido se confirmaram. Porém a maior das desgraças eu não tinha imaginado até me falarem.

A fome.

Nem tinha começado a tocar nesse ponto, meu irmão me

apertou mais forte e parou de encarar perdidamente o vazio.

—Rodeado de algo que não pode beber... Em cima de algo que não pode comer —ele delirava.— Precisávamos voltar para casa. *Os vivos* precisavam voltar...

E só ali percebi seus dentes manchados de sangue coagulado e também que alguns sobreviventes carregavam marcas de unhas, como se tivessem sido perseguidos. Nenhum cadáver havia saído dos navios naquela quarta-feira. E com certeza não haviam virado comida só dos peixes.

Com um gesto expulsei todo mundo da minha volta e fiquei a sós com ele. Mal pude me despedir. O aperto vacilou e a luz foi sumindo dele como a chama da vela que espantava o meu medo de escuro na infância.

Sempre foi eu e ele, ele e eu. *Nós* contra o mundo. “E agora?” Mesmo quando nossos pais eram vivos, não que isso mudasse muita coisa, sabíamos que só sobreviveríamos juntos.

“Que seria de mim sem ele?”

Saí do armazém em silêncio e não me senti mais dona das minhas próprias pernas de tanto que corri.

“O que faria agora?”

Enquanto corria, o meu peito parecia prestes a explodir de lágrimas e de dor. Segui até que o borrão ao meu redor se tornou a tão querida praia. O choro havia secado sobre as bochechas

quando fiz a curva, porém ardeu novamente por não encontrar ninguém ali.

—BEATRICE! BEATRICE! POR FAVOR, BEATRICE, ONDE VOCÊ ESTÁ?

As pernas bambas pelo esforço começaram a me cobrar e eu caí de joelhos em meio as ondas, encarando o horizonte vermelho e negro por uma forte chuva que estalava em minha pele. O ambiente só não era mais aterrorizante que meus gritos.

O máximo que senti depois foram os criados chamando por mim e me levando com cuidado para a cama, onde imediatamente desmaiei. Soube depois que a notícia tinha se espalhado rápido, mas não me encontravam e nem souberam explicar o motivo pelo qual chamava por uma tal de Beatrice e pelo meu irmão.

CAPÍTULO 4

Dormi por três dias passando por consultas médicas. Uma febre e um resfriado me puseram ainda mais tempo na cama. De comida, apenas sopa, de conforto, apenas um pano quente sobre a testa. Fiquei horrível de tão magra por não ter prazer nem em comer. Quando o sol magoava-me a vista, me perguntava o motivo de estar abrindo os olhos mais uma manhã. Independente do quanto do bom e do melhor que possuísse, depois daquele abandono

duplo parecia que em nada havia brilho.

Após uma leve melhora, mais parecia um fantasma pelos corredores da mansão, vestida de preto da cabeça aos pés. Tinha ficado tão doente que nem no velório dos trabalhadores e do capitão pude comparecer. Só depois que pude passar a mão sobre sua lápide como se pudesse afagar novamente aqueles cabelos crespos. Depois de prestadas minhas homenagens, reparei em uma das estátuas em uma das criptas lá perto. A Morte com suas grandes asas azuis empunhava a sua foice e olhava para baixo como se escolhesse mais algum azarado para levar debaixo do braço. Em seu rosto severo descia uma cicatriz que mais parecia uma lágrima, como se também sentisse pena.

Peguei um caco de azulejo e lancei em direção a estátua e uma lasca dela saiu voando.

Meses depois, ainda permanecia no fundo do poço. Muitas vezes pensei em acabar com o meu sofrimento de uma vez, mas ficava só no plano do pensamento isso. Já começava a sentir o gosto das coisas, pelo menos, e os músculos não pareciam tão travados quanto nos primeiros dias.

Foi num jantar, enquanto voltava a comer meu prato favorito, que tive uma epifania. Era como nos livros antigos, do tempo dos demônios e dos dragões, onde o herói finalmente descobria como sair das garras do inimigo. Silenciosamente, fui até o depósito e

peguei uma corda. Antes os criados o deixavam trancado com medo de algo pior.

Mas não se alarme! Eu disse que era um livro de viagens. Como poderia ser um se acabasse com tudo antes mesmo de vivê-las?

Durante a madrugada, fiquei a organizar documentos e amarrar bagagens. Não sabia quanto tempo ficaria fora, mas era melhor me precaver.

Após essa madrugada, fui rever o estado dos três navios de nossa família: o *Serpente*, o *Búfalo*, e o *Égua*. O primeiro era o mais rápido por conta do número de velas. Era estreito também, operado por homens mais rápidos ainda para levar coisas mais perecíveis, como carne, queijo e/ou leite. O segundo mais parecia um navio militar do que mercante. Era robusto, ideal para levar as cabeças de gado ainda vivas para qualquer canto do globo. Por fim, o último era o menor e o mais comum do trio: uma única vela, três canhões e um cesto bem lá no alto do mastro eram as poucas coisas que empolgavam quem o visse de longe. O mais bonito (por sorte inteiras) eram as carrancas prateadas em suas proas que representavam animais que davam os seus nomes.

Os estaleiros se penduravam em andaimes e cordas num ritmo frenético quando cheguei ao cais. Uma pessoa, mais conhecida minha, desceu e me cumprimentou:

—Dona Odessa! A senhora está... bem... radiante hoje com esse

tom de preto...

—Obrigada pela tentativa de elogio, Jorge. Eu tenho uma coisa importante pra pedir pra vocês... —pedi para ele chegar mais perto e passei discretamente uma bolsa cheia de dobrões. Ele até se assustou. —Um adiantamento pelo concerto principalmente do *Égua*.

—Quer que fique pronto logo o menor, senhora? Bem, não demorará muito, mas o que fará depois? Não cabem nem quarenta cabeças aí.

Acabei nem respondendo, já que estava já indo resolver mais coisas. No fim, antes de alugar uma carruagem para levar as compras até a mansão, parei para comer algo e enganar a fome. Acredite, nem a pessoa mais enjoada torceria o nariz para as tapiocas da minha cidade, principalmente se fossem acompanhadas com café.

Porém um acontecimento estranho me fez interromper a minha última mordida e notar algo tentando se esconder entre alguns caixotes e carcaças de peixe. Era horário do almoço, mas nenhum pedestre parecia notar o *falcão* se esgueirando por ali com uma rede de pesca presa nas garras. Poderia ser um urubu, uma garça, ou até um pombo, mas um falcão?! Lentamente, me aproximei do vão em que ele estava meio escondido entre as sombras e ele me encarou com uma expressão que juro que era de raiva. Ofereci o

restante da tapioca para ele.. Enquanto comia, desenrolei a rede. Quando você vive com um marinheiro, aprender a fazer e desfazer todo tipo de nó.

Satisfeita pela boa ação, fui seguir a minha vida, contudo logo percebi que a ave me seguia como se quisesse agradecer.

—Xô! Xô! Xô! Não posso te ajudar mais, amiguinho. Tenho uma viagem pra fazer. Vou para longe, pra onde nem essas suas asas aguentam.

E ele continuou me seguindo. Esfreguei o rosto com raiva e abri a porta da carruagem.

—Vai ter que pagar uma quantia extra pelo animal—reclamou o cocheiro.

—Está bem... —e olhei pro falcão que tinha simplesmente pulado no banco do passageiro e estava olhando pra mim com uma cara de “vai ficar parada aí o dia todo?”

Sorri pela primeira vez depois de meses.

CAPÍTULO 5

Quando terminei de assinar os últimos papéis e soube que o *Égua* estava consertado, senti que a hora tinha chegado. Foi numa noite de sábado do ano de 1530 em que subi a âncora e desfraldei a vela. Tudo era muito pequeno, então podia -com o devido cuidado- ser

operado por uma pessoa só. O falcão ficou pendurado no mastro vendo Mairi ficar distante, apenas pequenos pontos de luz.

No domingo, *Búfalo* e *Serpente* seriam vendidos e o dinheiro serviria de indenização para as famílias dos que estavam na tragédia. Minha mansão ficaria sob supervisão de alguns primos distantes do interior do país que estavam com interesse em se mudar para o litoral. Por isso estava ocupada. Não olharia para trás. Tentaria encontrá-la.

Era o início depois do fim.

Já em mar aberto, decidi tirar um cochilo, mas mal havia dado “boa noite” para o falcão e senti o convés balançar mais do que o normal. O Mar Antigo era o segundo mais calmo, só perdendo para o Mar Parado e seus arquipélagos. Dei de ombros.

“Não deve ser nada” pensei, e bati atrás de mim a porta da cabine do capitão.

CAPÍTULO 6

Acordei com um solavanco e uma dor na testa encontrando o chão da cabine. Arrependi-me por um minuto de não estar entre meus lençóis de seda e travesseiros de penas. Sentando na cama para parar a tontura, percebi que a minha visão estava torta, ou melhor, o barco estava torto. “É um absurdo! Não tem ilhota alguma

por aqui nos mapas para ficarmos encalhados!” Escancarando a porta, virei pra a esquerda: água. Virei pra frente: água. Virei para a direita...

Bem, havia água, porém havia alguém surgindo dela! Ele foi crescendo, crescendo, crescendo, a medida em que eu recuava para a mureta esquerda e me agarrava a madeira pra não tombar com o movimento brusco do *Égua* e das ondas. Engoli em seco ao perceber que só levantando bem a cabeça podia ver o topo da criatura que era maior do que qualquer gigante.

Não era Beatrice, obviamente, mas alguém que ela falou muito: *Ciano*, “aquele que reina nas águas”, “o pai dos Gigantes e das Sereias”, “a luz no silêncio”. É ofensivo para esses dois povos a representação do deus, seja por estátuas, pinturas, descrições e outras formas artísticas, então, caso esses relatos cheguem até um gigante ou uma sereia, me preocupo para não se sentirem ofendidos. O máximo que se pode são cânticos ou símbolos de proteção. Enfim, o importante é que ele estava lá e eu não sabia como reagir.

—*Você aí! És a humana Odessa de Bougainville?*

Mecanicamente confirmei com a cabeça.

—*Eu sei que está indo procura-la...*

—*Por favor! Diga-me que ela está viva!*

—*Eu não estaria aqui se ela estivesse. Não há nada maior no*

Firmamento ou nos Mundos se não a Morte. Por causa dela que sou Ciano...—e ele começou a enrolar e isso só me irritou. Gostava das coisas diretas, preto no branco. Deixava a enrolação para os livros antigos.—Os outros quando caíam perdiam os poderes e viravam mortais, já alguns de nós começamos a ficar ainda mais poderosos e pudemos afrontar a Morte criando vida. Talvez a Soberana tenha arranjado o herdeiro que tanto queria já que não sei de um outro caído faz séculos.

—Tá bom! Tá bom! Morte, vida, história complexa que eu não quero entender... Por favor, imploro, onde ela está?—gritei, me colocando de joelhos, frustrada por nem saber por onde começar a procurar e com raiva por topar com mais uma criatura mágica que me deu um susto. Meus olhos se encheram d'água.—Eu a amo...

—Tinha esquecido o quanto os humanos podiam ser rudes com aquilo que não entendem —e ele se afastou e o barco voltou para a posição normal, enquanto eu corria para a mureta direta—. Mas também não me lembrava o quanto eram corajosos e sabiam amar.

Sequei os olhos concordando com a cabeça.

Ciano encarou o céu cheio de nuvens, então violentos ventos comeram a varrer aquela parte do mundo. Quando me ergui da pilha de cordas na qual tinha me protegido, vi o céu e o oceano parecendo um só, pontilhados por infinitas constelações, planetas e galáxias, tão belas que nem o mais completo mapa estelar faria jus a tal beleza. Sim, ainda mais pela estrela mais brilhante bem longe

no horizonte.

Subi nas escadas de corda até chegar no cesto da gávea para olhar pro brilho junto com Ciano. Ele fez uma expressão que eu acho que era um sorriso.

—Siga a estrela além do horizonte e lá achará o que procura.

E com o mesmo solavanco com que apareceu, desapareceu me fazendo acordar com a dor da testa contra o chão da cabine. Corri para fora, o vestido e as tranças ondulando no vento junto com as nuvens. Por entre elas eu via a estrela, o meu “Norte”, mesmo estando no “Leste”, segundo a minha consulta na bússola.

Sim, era o início depois do fim, o início daquela jornada inusitada.

Escrito por Helena Renato entre 24/04 e 25/05 de 2021

APOIADORES

A equipe do **Forúm Conan** agradece a **todos** que tem colaborado para que o nosso trabalho continue **forte e constante** e cheio de **novas ideias** para que **novos projetos** sejam realizados com o intuito de divulgar cada vez mais a obra literária de **Robert E. Howard** que, em sua grande maioria, continua **ainda inédita** aqui no Brasil e na língua portuguesa.



**Adeson Moraes
Afrânio Willian Tegão
Alexandre de Lira Silva
Corwin Gothcrom
Edgar Rupel
Endeusa Marius
Eliezer Martins
Emerson Silva
Fabio Moreira de Melo
Fernando Donizetti
Gustavo Henrique Lemos
Henry Bernardo
Jonatas Faria Rossetti
João Dinardi de Castro
Karolyne da Rocha Bastos
Leonardo Franco Miranda
Leone Lúcio
Luiz Alfredo Bexiga
Marco Antonio Collares
Marcos Flávio Rodrigues
Mariana Bernardes
Mateus Martinbianco Bauer
Pedro Henrique Gonçalves Ferreira
Robilam Corrêa Júnior
Rodrigo Chiesa
Ronan Barros
Sebastião Alves
Valter F. Viana**



PARTICIPE DO APOIA-SE:

[HTTPS://APOIA.SE/FORUM_CONAN](https://apoia.se/forum_conan)

VISITE A PÁGINA:

[HTTP://FACEBOOK.COM/FORUMCONAN/](http://facebook.com/forumconan/)

NOSSO BLOG:

[HTTPS://WWW.CONANOBARBARO.COM/](https://www.conanobarbaro.com/)

E NOSSO CANAL:

[HTTPS://BIT.LY/3EBMS9MYT](https://bit.ly/3EBMS9MYT)